



UFOP

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE TURISMO**

MAYARA DIAS COSTA

**HOSPITALIDADE ACADÊMICA: UM ESTUDO DA PERCEPÇÃO DOS
ESTUDANTES DA UFOP**

Ouro Preto - Minas Gerais
Maio – 2023

MAYARA DIAS COSTA

**HOSPITALIDADE ACADÊMICA: UM ESTUDO DA PERCEPÇÃO DOS
ESTUDANTES DA UFOP**

Monografia apresentada ao curso de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Turismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carolina Lescura

Ouro Preto - Minas Gerais
Maio – 2023



FOLHA DE APROVAÇÃO

Mayara Dias Costa

Hospitalidade Acadêmica: Um estudo da percepção dos estudantes da UFOP

Monografia apresentada ao Curso de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Turismo.

Aprovada em 07 de junho de 2023.

Membros da banca

Doutora - Carolina Lescura de Carvalho Castro Volta - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Doutora - Mariana Bueno de Andrade-Matos (Universidade de São Paulo)
Doutora - Kerley dos Santos Alves (Universidade Federal de Ouro Preto)

Carolina Lescura de Carvalho Castro Volta, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 04/09/2024.



Documento assinado eletronicamente por **Carolina Lescura de Carvalho Castro Volta, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 04/09/2024, às 10:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0772073** e o código CRC **E9C58092**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e Nossa Senhora Aparecida por sempre me iluminarem, por me abençoarem e por me mostrar o melhor caminho durante toda minha vida, mas principalmente, por terem me mostrado que o meu caminho era o turismo.

Agradeço muito a minha mãe que sempre fez o possível e o impossível para me manter em Ouro Preto, por ser meu apoio, meu Porto Seguro e por ser a certeza da minha vida... Mamãe, essa vitória é nossa! Obrigada por cada oração, cada ajuda financeira e por ser um dos meus maiores exemplos de determinação, batalha e fortaleza. Agradeço ao Lucas, meu irmão, por ser quase meu filho e me lembrar todos os dias como amo ser o exemplo dele, por ser meu equilíbrio e por trazer a calma. A minha dindinha, por ser minha segunda mãe, por me apoiar e incentivar, primeiro que todo mundo, a fazer turismo... essa vitória é sua também, dindinha. Obrigada por me ajudar em tudo sempre.

Ao meu pai por ser companheiro e amigo sempre, obrigada por sempre reafirmar as minhas qualidades quando eu duvidava. As minhas vovós, Guiomar (in memoriam) e a minha Vovó Zezé que sempre me ensinaram a não desistir dos meus sonhos, lutar contra o sistema, serem acolhedoras e me fazerem a mulher forte que sou. A Família Dias, por sempre me ensinarem o que é fortaleza, família, união e por serem sempre o local que corro para amor, acolhimento e festas (claro).

A minha amada Bico Doce por ter me ensinado o que é de fato hospitalidade e me acolherem quando eu não queria me acolher e ser família. A Santuário por ser minha outra casa e por me apoiarem em tudo e aos amigos de OP. A Nayara por ser minha melhor amiga, aos amigos do CSB, a Resistência, as RiserGirls e Jecas. Por fim, a UFOP. Por ter me oferecido um ensino de qualidade público, por ter me feito entender como uma mulher preta, com ajuda da Professora Kerley, por ter vivido experiências acadêmicas incríveis e apresentado amigos. Ao Professor Leandro que com toda sua calma e gentileza me apresentou a hospitalidade que tem todo meu amor, a todos os professores que me deram aula e a Professora Carol que chegou com todo seu jeito meigo e me encantou para finalizarmos esse último capítulo.

Meus sinceros muito obrigada a todos vocês.

"Você pode sonhar, criar, desenhar e construir o lugar mais maravilhoso do mundo. Mas é necessário ter pessoas para transformar seu sonho em realidade." -Walt Disney.

RESUMO

A hospitalidade é a capacidade de acolher o outro na sua impossibilidade e no imprevisto com a palavra e atos de acolhimento a qual carrega consigo sinais de abertura e alteridade. O presente trabalho tem por objetivo debater a ideia de hospitalidade acadêmica a partir de um estudo de caso na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). O pressuposto teórico se utiliza dos autores da Escola Francesa com foco no processo histórico da Hospitalidade até a discussão sobre a Hospitalidade Acadêmica com foco no objeto de estudo. Este trabalho de conclusão de curso tem enfoque nos autores como Derrida, Mauss e Gotman, além de autores brasileiros que trabalham a temática da hospitalidade em seu cunho social. Além do debate teórico, o trabalho traz um levantamento com relatos e informações de ações que a Universidade realiza para fomentar o acolhimento social aos estudantes da UFOP, busca entender a opinião e compreensão dos alunos sobre os seus sentimentos dentro da Instituição de Ensino com enfoque nas Pró Reitorias que apresentam o objetivo de acolhimento a todos os personagens envolvido neste ciclo de dádiva usando a metodologia quali-quantitativa. Conclui-se que o conceito humano de hospitalidade acadêmica pode ser aprimorado por meio de uma política pública interna para a inclusão social no âmbito universitário, para que, cada vez mais os alunos se sintam mais acolhidos.

Palavras-chave: Hospitalidade Acadêmica; Acolhimento; Inclusão Social; Dádiva; Universidade Federal de Ouro Preto.

ABSTRACT

Hospitality is the ability to welcome the other in its impossibility and in the unforeseen with the word and acts of welcoming, which carries with it signs of openness and otherness. This paper aims to discuss the idea of academic hospitality based on a case study at the Federal University of Ouro Preto (UFOP). The theoretical assumption is used from the authors of the French School with a focus on the historical process of Hospitality to the discussion on Academic Hospitality with a focus on the object of study. This course completion work focuses on authors such as Derrida, Mauss and Gotman, as well as Brazilian authors who work on the theme of hospitality in its social nature. In addition to the theoretical debate, the work brings a survey with reports and information on actions that the University carries out to foster social acceptance for UFOP students, seeks to understand the opinion and understanding of students about their feelings within the Teaching Institution with a focus on Pro Rectorias that present the objective of welcoming all the characters involved in this cycle of donation using the quali-quantitative methodology. It is concluded that the human concept of academic hospitality can be improved through an internal public policy for social inclusion in the university environment, so that more and more students feel more welcomed.

Key-words: Academic Hospitality; Refuge; Social Inclusion; Gift; Federal University of Ouro Preto.

LISTA DE QUADROS

Tabela 1: Domínios da Hospitalidade segundo em Camargo (2005).....	16
--	----

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CUNI- Conselho Universitário

DEGEO- Departamento de Geologia

EDTM- Escola de Direito, Turismo e Museologia

ENUT- Escola de Nutrição

IE- Instituição de Ensino

IES- Instituição de Ensino Superior

ICEB- Instituto de Ciências Exatas e Biologia

ICHS- Instituto de Ciências Humanas e Sociais

ICSA- Instituto de Ciências Sociais Aplicadas

IFAC - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Questionando, Intersexuais, Assexuais+

PRACE - Pró- Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis

PROEX - Pró- Reitoria de Extensão e Cultura

PROUNI- Programa para Todos

RU- Restaurante Universitário

UFOP- Universidade Federal de Ouro Preto

UNE - União Nacional de Estudantes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. CAPÍTULO 1 - HOSPITALIDADE E SUA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	10
2.1. Dádiva, Anti Dádiva E Hospitalidade	13
2. CAPÍTULO 2 - HOSPITALIDADE E SUA HOSTILIDADE NA ACADEMIA	15
3.1. Hospitalidade Acadêmica	17
4. CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:	20
5. CAPÍTULO 4 - PERCEPÇÃO DOS ALUNOS E ENTENDIMENTO DA PRACE COMO ÓRGÃO INSTITUCIONAL	23
5.1 Pesquisa qualitativa com dois Discentes e a Pró-Reitora da PRACE	32
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
APÊNDICES	44

INTRODUÇÃO

A hospitalidade é o ato de acolher o outro de forma que situe, gratuitamente e assimetricamente, o outro além de nós próprios. Ela busca criar vínculos entre indivíduos e lugares como a relação do sujeito com a sociedade e seu território, com o território do outro e com a natureza enquanto elementos de integração social. A hospitalidade, nessa perspectiva, responsabiliza-se pelos laços entre as pessoas, e dialeticamente, a hostilidade é responsável pela quebra dessa relação a qual gera barreiras físicas e não físicas e evita a compreensão do outro por meio de estigmas e preconceitos.

(...) a dimensão virtuosa da hospitalidade é a mais corrente, tanto no pensamento comum como na vida acadêmica. Os próprios dicionários assim a definem, como um valor, como um estágio mais avançado do comportamento humano. Esta abordagem coloca a hospitalidade dentro de uma árvore léxica recheada de termos como solidariedade, altruísmo, caridade, amor (CAMARGO, 2015, p. 50)

Dessa forma, a reciprocidade é uma condição de troca em integração social, sem a qual pessoas tendem a perder interesse coletivo. Tal condição de troca, vigora como uma norma de reciprocidade pela qual algumas sociedades antigas se representavam e a modernidade parece ter dificuldades de construir seus vínculos humanos diante da lógica capitalista baseada nas trocas materiais.

O objetivo geral pretendido neste trabalho de conclusão de curso, fruto de um projeto de iniciação científica, é estudar os processos de hospitalidade acadêmica sob as perspectivas do sistema da dádiva e da fenomenologia do acolhimento. Além disso, propõe levantar algumas práticas de acolhimento institucional da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), para dados de membros da comunidade acadêmica e suas relações com o contexto local. Por fim, o artigo almeja difundir as premissas científicas da Hospitalidade à luz da Escola Francesa do pensamento humano e suas potencialidades para a pesquisa no campo do Turismo e demais áreas do conhecimento.

Considera-se que o presente debate é essencial para o desenvolvimento do campo da hospitalidade, não somente por abarcar uma área de formação e atuação do bacharel em Turismo, mas por debater ideias as quais discutem o *homo academicus* e suas relações de sociais no espaço universitário ao qual o curso de Turismo faz parte e poderia contribuir com ambientes mais acolhedores para si próprio e para a comunidade de quem faz parte.

De toda forma, o que se pretende não é um conceito acabado de hospitalidade acadêmica, mas sim, indicar a urgência de qualificar as relações humanas e as demandas dos sujeitos mais vulneráveis dentro o meio acadêmico. Para tanto, será debatido o referencial teórico sobre o tema, a metodologia aplicada será quali-quantitativa com o uso de formulários aplicados pelo Google Docs, discutir os resultados encontrados por meio das percepções dos alunos, apresentar um estudo de caso com alguns projetos exercidos dentro da universidade, entrevistas com dois alunos entre eles uma graduanda em Engenharia Ambiental e o outro de Ciências Sociais e a Pró- Reitora da PRACE.

1. CAPÍTULO 1 - HOSPITALIDADE E SUA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Tem-se que o estudo teórico da Antropologia de Mauss em interface com a Filosofia de Derrida, tem substancial importância para compreender as relações sociais do campo da Hospitalidade enquanto campo do conhecimento humano. Inserimos, nesta pesquisa, as ações possíveis de hospitalidade acadêmica como instrumentos de trocas sociais assimétricas capazes de acolher o sujeito acadêmico e seu entorno na sua impossibilidade.

No estudo de Mauss (2008), a “coisa dada” não é uma coisa inerte: a prestação total não somente obriga a retribuir os presentes recebidos, mas também supõe as obrigações de dar, por um lado, e a de receber, por outro. Surge daí a importância que o ser humano dá para as relações com o outro na representação de ser generoso, útil e importante. Para isso, Derrida (1995) aponta que mesmo que a dádiva seja um simulacro, surge o desejo de prestar conta ao outro. Para o autor, tão logo um presente (dom) é dado, ele começa a anular ele mesmo, ou as condições que tornam o presente possível também o tornam impossível. A aporia do dom desencadeia uma economia circular de troca, de retribuição, de gratidão e de generosidade que acaba por anular o próprio presente.

Neste sentido, a hospitalidade é a razão pela qual é capaz de acolher o ser inesperado na sua impossibilidade e no imprevisto com a palavra do acolhimento a qual carrega consigo sinais de abertura e, ao mesmo tempo, de constrangimento com o outro. O outro pode ser visto como um estranho em seu caráter de alteridade e diferença.

Desse modo, acolher o outro como hóspede significa aceitarmos recebê-lo em nossa cidade, em nossa casa, colocando à sua disposição o melhor do que somos e

possuímos em busca de lugares de eleição para mediação humana. A hospitalidade permite romper com um ciclo egoísta, por meio de uma dimensão ética, solidária e responsável com a vida em comum nos espaços sociais (BRUSADIN e PANOSSO NETTO, 2016). Para isso, é necessário entender o processo ao longo da história por meio da realidade social de acordo com seu povo e suas crenças

A hospitalidade antes de ser ligada a sociologia, antropologia, filosofia e, mais recentemente ao comércio, esteve vinculada à religião. Seja de início a religião da Grécia Antiga, Roma e depois ao Cristianismo que são os primeiros indícios da palavra hospitalidade, nota-se a ideia de acolher o humano para suas necessidades mais primárias do viver.

O’Gorman (2005) apresenta o contexto da hospitalidade na Grécia e Roma, e se baseia na definição de hospitalidade de Muhlmann (1932) que apresenta a hospitalidade como uma garantia de reciprocidade e proteção entre os envolvidos, ou seja, a pessoa protege o outro para ser protegido. De acordo com O’Gorman (2005), a hospitalidade na Grécia Antiga era uma forma de honrar os deuses que era essencial e fundamental para a organização social da época. Para os gregos a verdadeira hospitalidade era não se importar quem é o hóspede, pois a hospitalidade generosa dada gratuitamente ao estranho era considerada a mesma oferecida aos deuses. E os gregos acreditavam, ainda, que o fato do indivíduo sair da sua casa havia um motivo específico, ou seja, uma missão e com isso, esperava-se que o anfitrião fosse capaz de ajudá-lo e dar assistência.

Euripides (c. 440 BC) refers to ‘tokens’ exchanged to show who was united in bonds of hospitality (Euripides, Medea, 613). These tokens could be passed down from generation to generation or they could even be exchanged between friends. The tokens guaranteed the same level of hospitality to friends and dependents as was enjoyed by those who made the original hospitality agrément (O’GORMAN, 2005, p. 143).

Já segundo a cultura romana, apresenta como exemplo de hospitalidade a história dos Deuses Mercúrio e Júpiter:

The connection of hospitality with a foreigner imposed various obligations on a Roman. Among these were to receive in their house the hospes (traveller): ‘they enjoyed the hospitality of private citizens whom they treated with courtesy and consideration; and their own houses in Rome were open to those with whom they were accustomed to stay’ (Livy, History of Rome, 42:1). There were also duties to protect guests and to represent them as patron in the courts of justice if need be (O’GORMAN, 2005, p. 145).

O Cristianismo introduziu outros elementos, ainda que calcados, em alguns casos, no mundo politeísta greco-romano. Em tempos de guerras medievais

perenes, a hospitalidade nas igrejas e mosteiros será tanto um resquício da sacralidade dos templos pagãos, como um sinal de distinção, em particular nos mosteiros em meio ao campo, protegidos também pela sacralidade do deserto ou do bosque. A hospitalidade dos mosteiros, mesmo quando ultrajada com certa frequência, fornecia um quadro de contraposição entre um mundo em guerra permanente e uma acolhida sancionada pela proteção divina” (BELTRAMO, 2015 apud FUNARI; FREDERICO, 2017)

Antes de se institucionalizar e se impor ao direito, a hospitalidade aparece antes de tudo como uma lei religiosa que ordena ao homem que ame, alimente e vista o estrangeiro como se este fosse o próprio Deus. Diz o Êxodo: "Você amará o estrangeiro porque foi estrangeiro no Egito" (Deut, X, 18, 19). A hospitalidade preocupa tanto ao hóspede que passa apenas um dia como ao morador. [...] No Novo Testamento, a hospitalidade é definida como o fruto da caridade e deve beneficiar os outros, aqui também na reciprocidade das perspectivas, como beneficiou a Cristo. [...]. No entanto, se a Bíblia está repleta de exemplos de hospitalidade piedosa, as ofensas e as violações de sua lei são numerosas, punidas, bem como a parcimônia que os acompanha. E, como na mitologia grega, Deus e impõe aos homens provações de hospitalidade (GOTMAN, 2019, p. 162).

Nesse sentido, a hospitalidade e hostilidade de Deus para com os seres humanos caminham juntas e apenas o Evangelho nos mostra uma hospitalidade total de Cristo em relação aos estrangeiros, aos doentes, às mulheres, abrangendo inúmeros textos e contextos do Antigo e Novo Testamento. A palavra hospitalidade significa a ação de hospedar (hospedagem) enquanto característica de uma pessoa que acolhe bem, com gentileza e amabilidade (hospitaleira). Logo, tem por sinônimo os termos acolhimento e hospedagem e, como antônimo, a inospitalidade – aquele que não acolhe com gentileza e amabilidade (MARCELINO; CAMARGO, 2017). Assim sendo, a hospitalidade é uma prática antiga a qual pode-se perceber pela religião.

No Dicionário Informal de Português (2015), hospitalidade é definida como ato de hospedar; hospedagem; qualidade de hospitaleiro; bom acolhimento; amor aos estranhos; filoxenia. Observa-se uma abrangência maior ao ler: amor ao estrangeiro, ou seja, cuidar daquele que não é conhecido. Os Sinônimos são acolhimento, recepção, acolhida, boas-vindas, aceitação, agasalho, asilo, hospitalidade, recebimento, hospedagem, aposentação, aposentadoria, gasalho, hospedaria, pousada, albergamento, cortesia e cordialidade (MARCELINO; CAMARGO, 2017, p. 44).

O encontro entre hóspede, quando aceito como tal, e hospedeiro pode dar origem a um ritual de amizade e de vínculo humano ou, ao contrário, de agressão e de hostilidade. A ambiguidade da figura do estrangeiro tanto pode ser o inimigo em

potencial, o intruso, como pode ser o hóspede, o amigo, aquele para o qual se concretiza, por meio do acolhimento, a hospitalidade (COMANDULLI, 2015).

Derrida (2003) entende a hospitalidade como algo infinito, incondicional e uma relação assimétrica, que depende da abertura das fronteiras que separa o indivíduo aos demais. Além disso, enfatiza que qualquer tipo de barreira e um direito de hospitalidade é o resultado da perda da sua incondicionalidade. Essa hospitalidade é a prescrita para a cidade refúgio, a qual concede direito de asilo ao estrangeiro, seja ele emigrado, exilado, refugiado, deportado ou apátrida, em virtude de seu dever de hospitalidade, do direito à hospitalidade. Tal pressuposto pode ser pensado no ambiente acadêmico? Será possível aplicar a dádiva e suas relações no ambiente acadêmico? Para isso, é necessário entender a fundo sobre o que de fato é a dádiva.

2.1. Dádiva, Anti Dádiva E Hospitalidade

De modo amplo, Marcel Mauss (2008), em Ensaio sobre a Dádiva, diz que a dádiva é um modo amplo que envolve presentes, visitas, festas e variadas prestações e afirma que a vida social é um grande ciclo de dar, receber e retribuir, o qual será resumido em tríade. Ou seja, as sociedades progrediram na medida em que elas mesmas, seus subgrupos e seus indivíduos, souberam estabilizar suas relações, dar, receber e, enfim, retribuir. Isso possibilita a comunicação entre os indivíduos, a sociabilidade, alianças e laços sociais, tornando até uma proposta de paz entre os homens, nos dizem Reis e Brusadin (2013).

Um aspecto fundamental também discutido é o fato de as trocas serem simultaneamente voluntárias e obrigatórias, interessadas e desinteressadas, úteis e simbólicas. Coexistem, portanto uma liberdade e uma obrigação de dar e receber, assim como uma liberdade e uma obrigação de retribuir (PIMENTEL et al., 2007)

Nas palavras de Mauss (2008) a integração social se vale do vínculo espiritual e material em seu cunho simbólico: misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam no fenômeno de prestação total. Junto a isso, nas regras de direito e moral não retribuir e não aceitar o presente implica no rompimento da sociabilidade pois, segundo Mauss (2008) equivale declarar guerra por ser uma recusa ao laço entre os envolvidos e a

comunhão. Contudo, uma dádiva realizada por obrigação, por obediência a uma norma, é considerada de qualidade inferior. As regras devem permanecer implícitas, não formuladas. Os membros de um sistema de dádiva possuem uma relação muito particular com as regras. Antes de mais nada, as regras devem estar implícitas e isso se equivale as leis não escritas de hospitalidade

Não obstante, ao oferecer uma dádiva implica indiretamente o sacrifício de quem oferece, segundo Brusadin e Panosso Netto (2016). Entretanto, há o pressuposto da quebra da tríade maussiana, o qual desperta a hostilidade e pode gerar guerra. Temos então a antidádiva que é tomar – faltar – rejeitar, portanto, constitutivo de um ciclo que se desenvolve na direção contrária à da relação promotora de crescimento e aprendizagem. Afina-se, portanto, com o modelo de relações contemporâneas, solidificado em trocas de natureza econômica, formais, utilitárias, marcado pelo enfraquecimento do desejo do outro e da incondicionalidade no acolhimento. Junto a isso, no modelo maussiano de hospitalidade, espera-se que, quando alguém chega, se instale um potencial de troca com os anfitriões. Na hostilidade, por outro lado, não há o dar, nem o receber, nem o retribuir, e os ciclos de adensamento relacional não se desenvolvem. É desencadeado um outro ciclo, negativo e antagônico, marcado pela crença de que o estrangeiro nada traz, ativando a inospitalidade na sua forma mais primária. (SANTOS et al., 2017)

Nesse caminho encontra-se o pensador grego antigo Heráclito (Fr. 53): “o conflito é pai de todas as coisas”. A dádiva é o antídoto da guerra, afirmam Funari e Frederico (2017). Nesse raciocínio, é necessário situar a obra kantiana que está baseada na dimensão política e ética do homem contemporâneo o qual proporciona uma reflexão social do homem, observando que sua condição é finita, imperfeita e frágil, mas mesmo assim, apta ao convívio social. Kant institui como forma de ter-se uma convivência pacífica entre todos os povos o direito à hospitalidade universal, que é um direito de todos, visto que, é um viés da liberdade: o ato de ir e vir por onde quiserem. Portanto, é uma forma de evitar a hostilidade, visão de ameaça sob o estrangeiro (COMANDULLI, 2015).

Outro filósofo importante na construção de um contexto do olhar para o outro é Lévinas. Segundo Brusadin e Netto (2016), Lévinas orienta a sua interpretação para a equivalência de três conceitos: fraternidade, humanidade e hospitalidade, sendo esta última o lugar oferecido ao estrangeiro, homem e irmão, unido à memória da

palavra de Deus. A hospitalidade indica uma paz que não é puramente política no sentido tradicional do termo, nem simplesmente política. Pertence a um contexto em que a reafirmação da ética, da subjetividade do hóspede como subjetividade do refém, desencadeia a passagem do político para o que está além do político ou o que “deixou de ser político”.

(...) uma abertura à alteridade como forma de viver no mundo, oferecendo uma nova visão à ética, fundada na heteronomia da relação com o outro. O princípio ético do filósofo está fundado na ética da alteridade, em que o eu é deslocado do seu próprio ser e assume a responsabilidade incondicionada e infinita na hospitalidade e acolhimento do outro. Mais do que uma proximidade, a hospitalidade incondicional é um movimento do eu, que é levado ao encontro do outro despido de qualquer endereçamento e enraizamento do ser. O outro é aquele que resiste e rompe a fronteira do conhecido e descortina para o caminho da responsabilidade ética. [...] . O sentido ético do eu é ser responsável e estar a serviço do outro por meio do acolhimento e reconhecimento, “[...] sou responsável por outrem sem esperar a recíproca, ainda que isso me viesse a custar a vida. A recíproca é assunto dele (LEVINAS, 2004, p. 82).

Mesmo na incondicionalidade da acolhida ao outro, Lévinas assume a presença de um terceiro, aquele que rompe, que traumatiza, que transforma a hospitalidade em hostilidade. (COMANDULLI, 2015). Lévinas entende que a hospitalidade é um dos traços fundamentais da subjetividade humana na medida em que representa a disponibilidade da consciência para acolher a realidade exterior a si que, quando testemunhada por outra pessoa, só pode afirmar-se como abertura da consciência, como hospitalidade (WADA et al., 2015).

Portanto, é necessário entender que a hospitalidade aborda lugar, tempo e espaço. Junto a isso, propõe encontros entre anfitriões e hóspedes, o qual se baseia num ritual em que se o estrangeiro for aceito poderá dar origem a um ritual de amizade e de vínculo, contudo, não havendo isso gerará agressão e hostilidade.

A partir desse pressuposto, nota-se a necessidade de entender esses processos dentro do ambiente acadêmico. Logo, será apresentado como ocorre a hospitalidade acadêmica

2. CAPÍTULO 2 - HOSPITALIDADE E SUA HOSTILIDADE NA ACADEMIA

Segundo Dencker (2004, p.189),

A hospitalidade manifesta-se nas relações que envolvem as ações de convidar, receber e retribuir visitas ou presentes entre indivíduos que constituem uma sociedade, bem como formas de visitar, receber e conviver com indivíduos que pertencem a outras sociedades e culturas; desse modo, pode ser considerada com a dinâmica do dom. Todas as sociedades têm normas que regulam essas relações de troca entre as pessoas, o que

parece demonstrar que, de alguma maneira, elas atendem a uma ou mais necessidades humanas básicas.

Junto a isso, Camargo (2003) estende a ideia de hospitalidade para qualquer forma de encontro entre alguém que recebe e quem é recebido. Para isso, o autor propõe dois eixos de tempo/espaço sendo eles o cultural que envolve receber, hospedar, alimentar e entreter; já o outro eixo que é social sendo a divisão por espaços como doméstica, comercial, pública, virtual e para esse trabalho será acrescentado a academia.

Ainda segundo Camargo (2005), é importante aplicar a hospitalidade em diversos ambientes, visto que, a hospitalidade busca acolher, trazer ao outro um acolhimento e o bem estar nos ambientes, para isso, o autor cria os domínios da hospitalidade. Contudo, o autor apenas faz o levantamento dos seguintes ambientes: doméstica, pública, comercial e virtual, para tanto, a proposta é inclusive propor um novo quadro usando as mesmas ações que o autor propõe que são: recepcionar, hospedar, alimentar e entreter. Para isso, tem-se

Quadro 1 - Domínios da Hospitalidade segundo Camargo (2005)

	Recepcionar	Hospedar	Alimentar	Entreter
Doméstica	Receber em casa	Oferecer pouso e abrigo em casa	Receber em casa para refeições	Receber para festas
Pública	Receber em espaços públicos de livre acesso	Hospitalidade do lugar – na cidade, no país	Gastronomia local	Espaços públicos de lazer e eventos
Comercial	Receber profissionalmente	Hospitalidade profissional – em MH, hospitais, presídios	Restauração profissional	Eventos em espaços privados
Virtual	Receber na net – a	Hospedagem	Gastronomia	Jogos e entretenimento

	net-etiqueta	de sites	eletrônica	eletrônico
Acadêmica	Receber no ambiente nas Instituições de Ensino Superior	Hospitalidade na academia - o espaço físico e o sentimento	Alimentar-se durante a estadia na universidade de forma coletiva	Eventos internos e externos que promovam a socialização entre os personagens envolvidos

Fonte: Elaboração dos Autores 2023

Portanto, a partir desse quadro é necessário aprofundar os entendimentos sobre o que é a hospitalidade acadêmica

3.1. Hospitalidade Acadêmica

Segundo Bennet (2001), hospitalidade acadêmica é: ‘the extension of self in order to welcome the other by sharing and receiving intellectual resources and insights’. Contudo, a definição do autor ainda é muito generalizada o que não favorece o entendimento da complexidade que a hospitalidade acadêmica é e seus personagens envolvidos. Junto a isso, tem-se Phipps e Barnett (2007) p.239:

academic hospitality takes and makes many forms. It takes material form in the hosting of academics and academic travellers. It takes epistemological form in the welcome of new ideas. It takes linguistic form in the translation of academic work into other languages and it takes touristic form through the welcome and generosity with which academic visitors are received. In each of these four forms academic hospitality involves the modes of what we might term both *hosting* and *guesting*. Both of these modes place different demands upon the academic.

Com isso, nota-se que os autores acreditam numa especificidade e apresentam uma maior aprofundamento na ideia da hospitalidade no ambiente acadêmico, porém, suas ideias são mais voltadas para a disseminação do conhecimento de forma acadêmica sendo correlacionada a transmissão desse conhecimento de forma clara e objetiva mundialmente. Por isso, pode-se correlacionar com a ideia de Derrida no sentido de um acolhimento universal promovido pela linguagem com a tradução dessas ideias e no aspecto do acolhimento de outros estudantes de uma cidade, de um estado ou até país

diferente, entretanto, ainda é uma ideia que não envolve os diversos personagens e os diversos tipos de socialização que o ambiente acadêmico proporciona.

Portanto, observa-se Costa e Brusadin (2021), p. 31 que propõem justamente essa ampliação da definição de hospitalidade acadêmica

A hospitalidade acadêmica pode ser entendida como o conjunto das relações sociais estabelecidas no meio acadêmico entre estudantes, professores e prestadores de serviços no espaço universitário, ou mesmo, indiretamente quando tais relações extrapolam o meio físico da universidade a partir da relação com a comunidade local, cidades, estados e países. Essas relações se valem de experiências entre o conhecido e o desconhecido, trocas culturais e profissionais.

Para que seja possível aprofundar os estudos sobre o assunto, pode-se entender que a hospitalidade acadêmica se refere, de forma geral, às relações sociais que ocorrem dentro do ambiente acadêmico, ou seja, entre as pessoas que convivem diariamente nesse espaço como os técnicos administrativos, os professores, os prestadores de serviços, os estudantes, sejam eles de forma temporária ou não, como os alunos que realizam algum tipo de mobilidade acadêmica, os moradores locais e a cidade em si pensando na estrutura física urbanística. Por fim, é necessário pensar no que seria a hostilidade de forma mais específica no ambiente acadêmico, pode-se dizer que a hostilidade pode ser entendida como o sentimento de não pertencimento de alguns alunos, técnicos-administrativos, professores, e principalmente, a população local que nem sempre é a maioria dentro da Universidade, principalmente, se for pública. É importante, inclusive, incluir algum comportamento no momento da interação entre os personagens em que há uma ruptura entre a tríade maussiana o que vai gerar um ciclo inverso e assim, gerando o afastamento daquele espaço e até uma aversão. Portanto, é de suma importância promover um espaço acessível e acolhedor dentro das IES (Instituição de Ensino Superior). Com isso, é necessário entender os principais pontos da universidade que facilitam o acolhimento e outras que dificultam.

Segundo Nierotka e Trevisol (2019), p14:

O ensino superior, em particular, é um bem simbólico desigualmente distribuído que legitima os saberes e as práticas, a partir dos quais os detentores dos títulos acadêmicos sentem-se em condições de exercerem determinados ofícios e relações de poder na sociedade.

Nota-se então, que a Universidade brasileira ainda é um espaço elitista, autoritário e distante da realidade, ou seja, ainda apresenta um padrão com sua

maioria branca e de classes mais altas. Junto a isso, tem-se Querubim (2013) que cita Paulo Freire, um autor que é de suma importância para a reflexão sobre o ensino superior e suas desigualdades. O autor propõe um modelo educacional de base de excelência e que pode ser pensado para o ambiente do ensino superior. Em seu cenário ideal, seria justamente uma educação libertadora, com contato entre todos os personagens envolvidos no ambiente acadêmico e de uma diversidade maior como forma de promover maiores trocas profissionais e pessoais, para assim, promover um ambiente mais democrático, hospitaleiro e acessível.

Apesar deste cenário, com a consolidação dos governos democráticos, após a ditadura militar, propiciou que uma parte, ainda pequena, de classes sociais mais populares pudessem ocupar o espaço da Universidade.

A partir disso, foi possível que o Governo Federal investisse por meio de ações afirmativas um maior investimento no acesso à educação superior. Entre as que foram providas estão: aumento de oferta de vagas em universidades particulares junto ao programa PROUNI (Programa Para Todos) em que o Governo Federal subsidia o ensino uma porcentagem ou até de forma integral aos alunos que estudaram em escola pública. Outra ação interessante de se ressaltar é no investimento de bolsas permanências nas Universidades Públicas, e a lei de cotas os quais proporcionaram e proporcionam que o ensino superior fosse mais possível de adentrar, principalmente, pelas pessoas que por muitas vezes não conseguiam acessar pela falta de investimentos por meio de políticas públicas ao ensino superior que os possibilitasse ter auxílios que os ajudassem a fazer a graduação.

A partir disso, surge na UFOP, o órgão de assistência estudantil, hoje chamado de PRACE (Pró Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis) em que no CUNI (Conselho Universitário) de número 414 em 1996, aprovou as seguintes resoluções suas funções:

Art. 55 No limite dos seus recursos e sem prejuízo de suas responsabilidades para com os demais membros da coletividade universitária, esta Universidade poderá prestar assistência ao corpo discente, abrangendo, entre outras iniciativas:

I - programas de alojamento, de alimentação e de saúde, que poderão ser restituíveis;

II - promoções de natureza criativa, artística, desportiva e cultural.

Hoje, no ano de 2023, a PRACE apresenta outras responsabilidades. Segundo o CUNI (Conselho Universitário) de número 2.304 de 2019 ela é responsável por proporcionar as condições de acesso e permanência aos

estudantes, técnicos administrativos e docentes da Instituição, garantindo assim o bem estar psicossocial de toda comunidade ufopiana. Sendo constituída pelas seguintes coordenadorias:

1. Coordenadoria de Moradia Estudantil
2. Coordenadoria de Avaliação Socioeconômica
3. Coordenadoria de Acompanhamento e Orientação Estudantil
4. Coordenadoria de Assuntos Estudantis de Mariana
5. Coordenadoria de Assuntos Estudantis de João Monlevade
6. Coordenadoria de Restaurantes
7. Coordenadoria de Acessibilidade e Inclusão
8. Coordenadoria de Saúde Comunitária

Portanto, a UFOP apresenta um órgão de suma importância para promover o acolhimento a todos os personagens envolvidos no ambiente acadêmico, pois a PRACE junto à Pró Reitoria de Extensão (PROEX) promovem auxílios a população local por meio de posto de saúde, auxílio à comunidade por meio de projetos que fomentam o sentimento de pertencimento dos ouropretanos, a cidade como forma de aumentar e melhorar a percepção dessa população com a cidade, projetos que qualificam a população ao mercado de trabalho e entre outros.

Dada a existência de uma estrutura formal dentro da Universidade com a finalidade de receber os alunos e integrá-los à comunidade da cidade, faz-se necessário avaliar a eficácia do trabalho desempenhado. Para tal, é necessário compreender a estrutura da UFOP, entender os sentimentos e percepções dos alunos e como de fato a Universidade junto às Pró Reitorias auxiliam os alunos e como de fato a Universidade, na sua prática, é acolhedora aos alunos e eficaz no sentido dos seus auxílios oferecidos aos alunos.

4. CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

Com o propósito de atingir os objetivos desta pesquisa, a metodologia utilizada foi de, inicialmente de cunho exploratório e após isso quali-quantitativa. Para realização de tal metodologia quantitativa será usado a ferramenta Google Forms para entender a opinião dos alunos no viés da Hospitalidade Acadêmica para

aprofundar, a partir dos números, os sentimentos dos alunos respondentes. Para isso, será realizada a montagem de um formulário com perguntas de múltipla escolha para conseguir ter uma visão dos perfis desses alunos que responderão o questionário. Sendo assim, tem-se Gil que fala da importância da construção de questionários e seus processos:

Construir um questionário consiste basicamente em traduzir objetivos da pesquisa em questões específicas. As respostas a essas questões é que irão proporcionar os dados requeridos para descrever as características da população pesquisada ou testar as hipóteses que foram construídas durante o planejamento da pesquisa. Assim, a construção de um questionário precisa ser reconhecida como um procedimento técnico cuja elaboração requer uma série de cuidados (Gil, 2008, p.140).

Para tanto, é necessário também realizar uma observação participante para essa pesquisa a fim de ter-se uma visão completa de todos os personagens envolvidos e as relações entre todos. Segundo Araújo (2008), é um método que dá aos pesquisadores possibilidades de entender o cerne da estrutura das representações sociais a fim de não só libertar da quantificação e evitar a fragmentação do fenômeno a ser estudado, pois esse método que é um viés qualitativo possibilita uma visualização mais completa e profunda dos grupos e indivíduos envolvidos. Portanto, é uma forma de familiaridade com o objeto a ser pesquisado e a inserção ao universo em que Malinowski (2018) diz ser um equipamento material, uma organização social e um simbolismo que estão intimamente vinculadas à realidade e deve ser compreendida de forma integral.

Sendo assim, a pesquisa qualitativa será realizada por meio de entrevistas com alunos que utilizam de algum auxílio da PRACE ou que são ativos em projetos em que visam o acolhimento aos alunos, para assim, entender as percepções dos alunos sobre a PRACE, e suas realidades diferentes correlacionando a hospitalidade acadêmica e o acolhimento. Por fim, será realizada uma entrevista com a Pró Reitora da PRACE para entender melhor as ações e as responsabilidades desse órgão institucional.

Essa metodologia, então, busca divulgar o formulário, por meio virtual, usando os meios de comunicação da autora, como as suas redes sociais em Grupos do Whatsapp que há alunos da UFOP, grupos do facebook e o uso das redes sociais. Como forma de não haver respondentes fora desse meio, a autora optou em bloquear o uso de emails que não sejam institucionais.

Já em relação às entrevistas, serão realizadas por meio da plataforma Google Meet, nos meses de Outubro a Dezembro de 2020, sendo realizado sob forma de entrevista gravada, transcrita e autorizada (verificar modelo, conteúdo das entrevistas e a declaração de conhecimento e autorização publicação. – (ANEXO II, III, IV,) com a Pró-Reitora da PRACE e dois discentes sendo um do Serviço Social e o outro da Engenharia. Além disso, foi aplicado um questionário via Google Forms a partir de um link (ver modelo – ANEXO I) aos discentes.

Dessa forma, a pesquisa constituiu a seguinte sequência:

- a) **Pesquisa bibliográfica:** Levantamento da bibliografia e leitura do material encontrado;
- b) **Confecção das entrevistas** elaboração das entrevistas com a Pró-Reitora da PRACE e dois discentes sendo um de Serviço Social e o outro de Engenharia Urbana.
- c) **Confecção do questionário:** apenas para discentes. O qual compreende as seguintes perguntas:
 1. Você se sente acolhido pela UFOP?
 2. Você acha que a UFOP oferece ferramentas suficientes para permanência de alunos que pertencem a minoria como: negros, pessoas de baixa renda, pessoas com deficiência, público LGBTQI+ ...?
 3. Você já sofreu algum preconceito dentro da UFOP? Seja por questões de gênero, sexualidade, condição financeira, cor...
 4. Caso sua resposta tenha sido sim e queira relatar.
 5. Quais desses prédios você considera acolhedor?
 6. Quais desses prédios você não se sente acolhido?
 7. Você acha que a Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PRACE) um ambiente acessível, inclusivo e de acolhimento?
 8. Você acha importante que a UFOP ofereça projetos e atividades de inclusão, trocas e acolhimento à população local?
 9. Você acha que a UFOP oferece projetos e atividades o suficiente para a inclusão da sociedade ouropretana?
 10. Deixe aqui algum comentário ou relato que julgue necessário.
- d) **Aplicação dos questionários com discentes e entrevistados:** Essa amostragem teve caráter aleatório e não probabilística considerando o

momento atual da pandemia do Covid-19. Das perguntas escolhidas para os discentes que serão entrevistados estão:

1. O que você entende sobre hospitalidade e acolhimento no âmbito acadêmico?
2. Você se sente acolhido na UFOP pelos seus colegas, seu departamento e seus professores?
3. Você conhece a PRACE? Já precisou de alguma ajuda dela? Explique o que você entende sobre a importância da PRACE em relação ao acolhimento aos alunos calouros e veteranos.
4. Fale o que você acha que a UFOP e o seu departamento poderiam fazer para que você se sinta acolhido.
5. Você acha que na UFOP há políticas de acolhimento à população local? Cite exemplos.

Já sobre as perguntas para a Pró-Reitora da PRACE estão:

- 1- O que você entende sobre hospitalidade e de acolhimento no âmbito acadêmico?
- 2- Quais são as ações da PRACE para garantir a inclusão e o acolhimento de todos os alunos
- 3- Devido a pandemia, fica mais difícil de acompanhar e ter ações afirmativas de acolhimento aos alunos. Quais foram as mudanças que precisaram ser feitas para que a PRACE continuasse presente e acessível aos alunos?
- 4- Quais são suas maiores dificuldades como Pró-reitora na PRACE?
- e) **Análise dos questionários respondidos e das entrevistas**, acoplando as respostas dos discentes em gráficos e estudo qualitativo e qualitativo das respostas dos entrevistados.

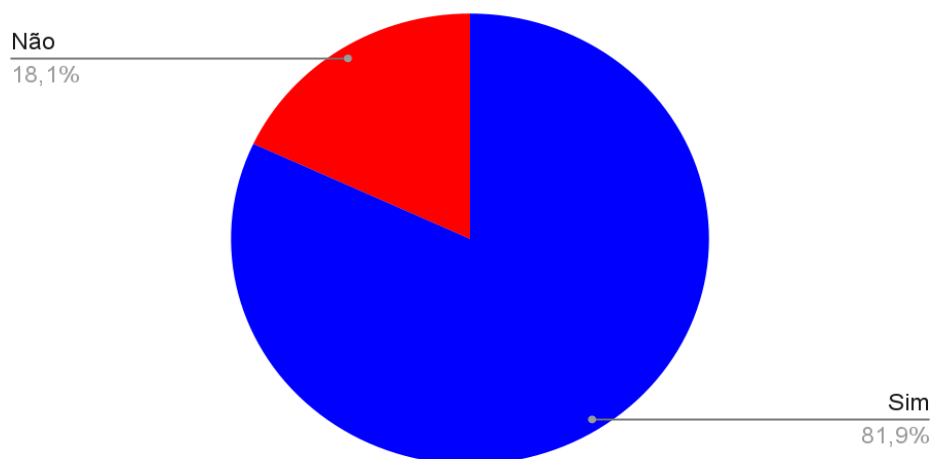
Portanto, a partir do processo metodológico, é necessário apresentar os resultados encontrados após as entrevistas e a aplicação do formulário.

5.CAPÍTULO 4 - PERCEPÇÃO DOS ALUNOS E ENTENDIMENTO DA PRACE COMO ÓRGÃO INSTITUCIONAL

A partir do processo metodológico, é necessário aplicá-los e assim entender os resultados apresentados na pesquisa. Com isso, o formulário foi gerado pela plataforma do Google Forms, aberto do dia 06 de outubro de 2020 até o dia 14 de novembro de 2020 e sendo respondido por 83 discentes durante seu período de abertura. Devido a pandemia de Covid-19, a divulgação foi realizada por meio de grupos de Whatsapp da autora, as redes sociais como Instagram e Facebook e para preenchimento do formulário era necessário que o discente usasse o emails institucional como forma de evitar que outras pessoas fora do ambiente da UFOP conseguisse responder, com isso, os resultados apresentados são de forma não probabilística e aleatória devido ao cenário da pandemia por não ser a representação completa da opinião dos alunos da Universidade.

A partir desse pressuposto, a primeira pergunta foi justamente entender como os discentes entrevistados se sentem sobre serem acolhidos ou não na UFOP. Com isso, tem-se A maioria dos entrevistados disse que sim, consistindo em 68 pessoas afirmando e apenas 15 não. Portanto, segundo os entrevistados a UFOP é um ambiente acolhedor e inclusivo, entretanto, é necessário entender o porquê 18% não acham o ambiente inclusivo e nem acolhedor. O que na Universidade os faz sentir assim? Será a estrutura?Será a relação com professores? Ou simplesmente não sentem por não estarem no curso que gostariam ou outras questões que são muito individuais.

Gráfico 1- Você se sente acolhido e incluno na



Fonte: Elaboração dos Autores (2023)

Para isso, buscou-se entender a percepção dos discentes sobre a permanência de alunos que apresentam um perfil que é majoritariamente excluído socialmente como: negros, LGBTQIA+, pessoas de classes mais baixas... e se a UFOP favorece para que esses discentes permaneçam na UFOP durante todo o seu período da graduação. Dentre os respondentes 42 disseram que “sim” e 41 disseram “não”. Com isso, nota-se, praticamente, uma divisão quase igual no entendimento dos discentes sobre ser acolhedor ou não para os alunos que configuram esse grupo social. Apesar dessa diferença, praticamente, mínima tem-se a opinião de um dos entrevistados que relata como a UFOP pode melhorar no aspecto de melhorar o ambiente para que esse grupo social se sinta mais incluso no ambiente da graduação e que gerará, inclusive, uma melhoria no aproveitamento acadêmico desse estudante o qual relata o seguinte:

“Acho que a UFOP primeiramente deve ampliar suas ações ao máximo em relação ao acolhimento, porque quando a gente está falando de pessoas estamos falando do negro, da mulher, do homossexual, da pessoa com deficiência e toda a diversidade existente... então é necessário pensar em estratégias para ampliar as diversas formas de acolhimento à todos os estudantes que chegam na Universidade – a qual possui um grande potencial que precisa ser reconhecido pois é uma Universidade de qualidade. Mas é um trabalho que precisa ser diariamente reforçado e ampliado para melhor acessibilidade e acolhimento de “todes” (termo neutro para a palavra todos).”

Ainda sobre a importância de possibilitar um ambiente que promova uma diversidade e inclusão a todos os grupos sociais dentro da Universidade, tem-se SOUZA et al. (2021) que diz da importância do ambiente universitário pois ele emerge os contextos multiculturais e interculturais o que gera uma maior troca entre todos os personagens que ali estão, junto a isso, se espera que esse ambiente possibilita que haja de fato a liberdade desses grupos de se expressarem sua cultura e costume individuais. Com isso, segundo os autores, já entram buscando um ambiente educacional que ofereça acolhimento, respeito e equidade, portanto, é necessário que a Universidade procure entender melhor o perfil desses alunos e o que eles necessitam. Para isso, a UFOP apresenta a Pró Reitoria de Extensão e Cultura (PROEX) em que sua missão, segundo o seu site oficial, consiste em:

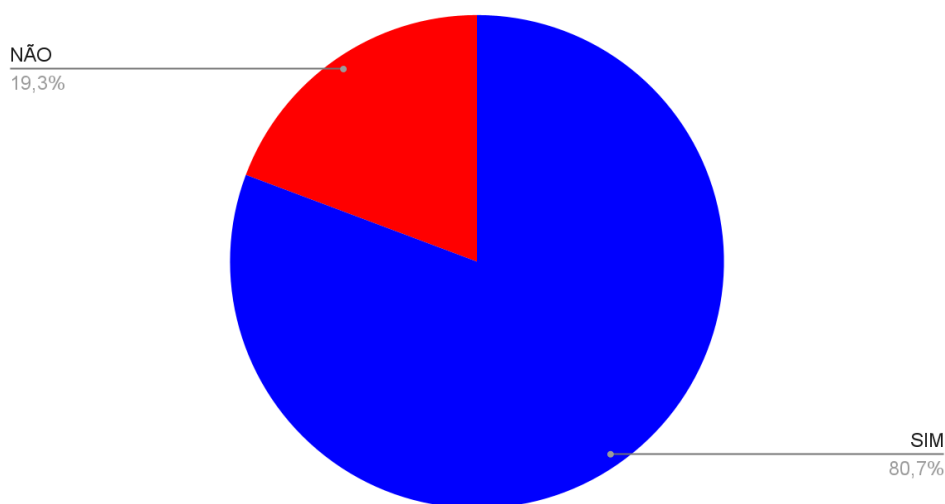
Fortalecer as ações de extensão universitária, reforçando o protagonismo da UFOP na mobilização de esforços da comunidade acadêmica e de outros segmentos da sociedade, para a construção de processos de conhecimento e transformação das realidades sociais em consonância com a Política Institucional da UFOP e com a Política Nacional de Extensão Universitária, buscando sempre a transversalidade, a inclusão, a dialogicidade e a valorização das ações de forma humanitária e consciente.

Portanto, nota-se que a IE busca fomentar um ambiente mais diversificado e que fomente uma inclusão maior, contudo, nota-se ainda uma dificuldade em conseguir atender todos os alunos. Sendo necessário assim, um diálogo mais próximo com os estudantes para entender as demandas coletivas e individuais. Para isso, os estudantes apresentam órgãos como os Centros Acadêmicos em cada curso e ainda apresenta o Diretório Central Estudantil, em que, inclusive apresenta uma posição mais política externa aos assuntos internos da Universidade, ou seja, é comum que participem de movimentos estudantis na cidade que está inserida, mas há uma comunicação entre os outros diretórios pelo paraíso qual é representado pelo órgão União Nacional dos Estudantes (UNE).

Vale ressaltar a importância desses órgãos nessa tentativa de realizar essa comunicação entre as IES, visto que, essas representações favorecem que os alunos sejam ouvidos e entendidos de forma institucional, regional, estadual e no país politicamente falando.

A próxima pergunta já foi na intenção de ouvir os discentes e saber se já sofreram algum tipo de preconceito no ambiente da UFOP. Entre os respondentes, 67 disseram que “não” e 16 disseram que “sim”.

Gráfico 2 - Você já sofreu algum preconceito na UFOP?



Elaborado pelo autor (2023)

Para entender quais preconceitos alguns dos estudantes sofreram, se sentissem à vontade em falarem tinha-se uma pergunta aberta logo em seguida para

dissertarem de algum acontecimento que quisessem falar. Entre as respostas tem-se

Discente A: A opressão de alguns professores em sala de aula, demonstram claramente opressão de gênero.

Discente B: Eletivas em determinados prédios da UFOP gerou um desconforto por me sentir como memória dentro de um ambiente não muito acolhedor por eu era negro e estudante de turismo, inclusive foi de próprios funcionários e corpo docente da UFOP

Discente C: Gordofobia.

Discente D: Foi por ser mulher.

A partir desse pressuposto, nota-se alguns casos de hostilidade dentro de sala, com isso, é necessário refletir: Será que a Universidade treina seus funcionários, prestadores de serviços e corpos docentes para conseguirem acolher todos os alunos da melhor forma possível?

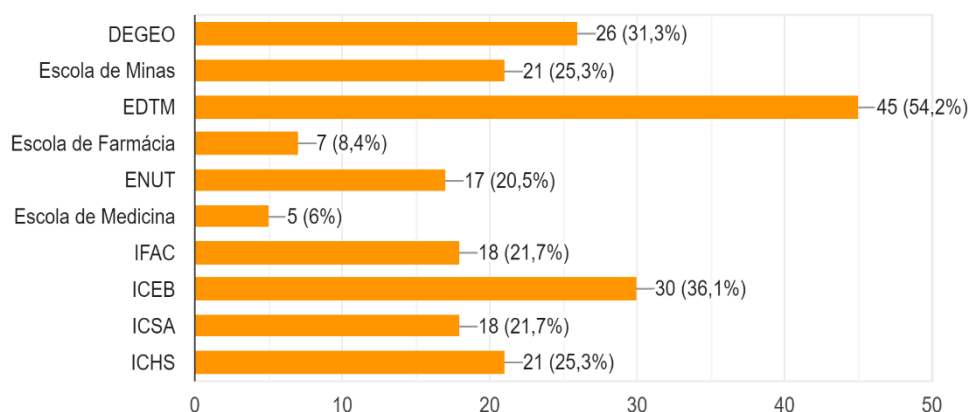
Junto a isso, é necessário, a partir da declaração do Discente B, entender melhor sobre os espaços e prédios da UFOP correlacionando cada um com os seus sentimentos gerados. Para isso, é necessário entender a importância da hospitalidade e os ambientes que ali participam do cotidiano desses estudantes.

Para isso, foi levantado todos os prédios da UFOP do campus de Ouro Preto e Mariana. Após isso, foi perguntado quais eram os prédios que se sentiam mais acolhidos.

Gráfico 3

Quais desses prédios você considera acolhedor?

83 respostas



Fonte: Elaboração dos Autores 2023

O EDTM (Escola de Direito, Turismo e Museologia) foi considerado o prédio mais acolhedor o qual 54,2% dos entrevistados, entretanto, como os autores são do Departamento de Turismo e com isso, a pesquisa pode ser um pouco tendenciosa a esse viés, visto que, provavelmente a maioria dos respondentes são do Departamento de Turismo. Em segundo lugar, tem-se o ICEB (Instituto de Ciências Exatas e Biológicas) com 36,1%, DEGEO (Departamento de Geologia) 31,3%, ICBS (Instituto de Ciências Humanas e Sociais) 25,3%, Escola de Minas 25,3%, IFAC (Instituto de Filosofia e Artes Cênicas) 21,7%, ICSA (Instituto de Ciências Sociais Aplicadas) 21,7% , ENUT(Escola de Nutrição) 20,5% , Escola de Farmácia 8,4% e a Escola de Medicina 5% dos entrevistados.

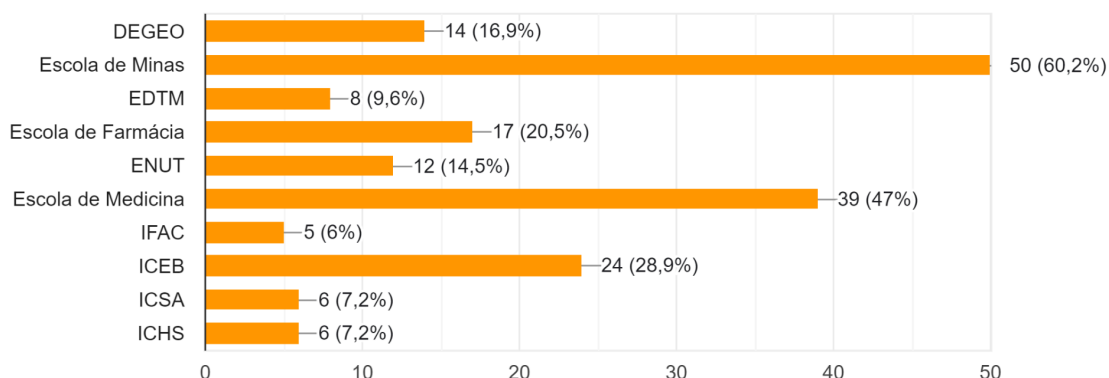
Esses dados se fazem necessários a reflexão sobre o motivo dos prédios de farmácia e de medicina serem os que os alunos não se sentem tão acolhidos. Será a construção? Professores? Técnicos? Dificuldade nas matérias ou uma aversão pessoal?

A partir desses questionamentos, é necessário uma outra pergunta... e quais são os prédios em que os discentes não se sentem acolhidos até para se fazer um contraste da outra pergunta.

Gráfico 4

Quais desses prédios você não se sente acolhido?

83 respostas



Fonte: Elaboração dos Autores 2023

Apesar da Escola de Minas na outra pergunta 25,3% terem respondido que acham o prédio acolhedor, nessa outra pergunta 60,2% já acham que não, com isso,

nota-se como o prédio, para os entrevistados, não é acolhedor. Junto a isso tem-se, uma das entrevistas escolhidas para a entrevista qualitativa, estudante de Engenharia Ambiental, que compreende a maioria das suas matérias, no prédio da Escola de Minas diz:

“Eu não me sinto acolhida lá mas passa pela questão do ambiente de como ele é projetado e de como ele é feito, porque lá a gente não tem um espaço para sentar e conversar... uma pré aula ali é todo mundo sentado no corredor quando está esperando a aula ou então nas mesinhas do café, mas se você não toma um café fica desconfortável ficar lá e ocupar o espaço e o hall de entrada é só um lugar de passagem, então, eu não me sinto acolhida porque sinto que é só um lugar para eu ir, assistir aula e sair. Não é um ambiente que me favorece ficar fora do horário de aula que é obrigatória.”

Com isso, tem-se Schneider (2015) que trará um levantamento de autores que falam sobre a importância de entender como os lugares trazem em sua dinâmica e logística significados que irão fomentar diversos sentimentos. Para isso, CASTELLO (2007) diz que lugar é um local humanizado, com interações sociais e trocas entre o espaço e as pessoas. Ademais, o autor ainda traz o conceito de Ralph que irá falar que o lugar:

tem o poder de estabelecer relações espaciais com as experiências existenciais humanas. O lugar teria, então, uma qualidade essencial, qual seja, sua força de interagir com o modo espacial que tomam as intenções, experiências e comportamentos dos humanos. (CASTELLO, 2007, p. 71).

Já o seu oposto, Castello (2007) cita Ralph dizendo que o deslugar ou não lugar busca uma homogeneização do espaço o que impossibilita que as trocas e as relações sociais se desenvolvam, pois se perde o significado dos lugares. Com isso, é de suma importância que a IE fomente lugares tenham mais espaços para que os alunos consigam estabelecer maior convívio durante os horários fora das aulas, para que assim, esses alunos consigam maiores trocas com os espaços, se sintam mais acolhidos e consigam promover a tríade maussiana de trocas e dádiva de dar-receber- retribuir.

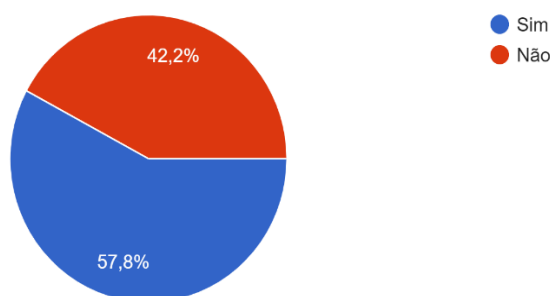
Além da Escola de Minas que compreende o maior índice de um local que os alunos não se sentem acolhidos tem-se a Escola de Medicina com 47%, ICEB com 28,9%, Escola de Farmácia 20,5%, DEGEO 16,9%, ENUT 14,5%, EDTM 9,6%, ICESA e ICHS 7,2% e IFAC 6% dos entrevistados. Podendo assim, perceber uma tendência de repetição de áreas que, normalmente, apresentam um estigma social de serem mais excludentes como os cursos de exatas e a medicina.

A próxima pergunta buscou entender a opinião dos alunos sobre a PRACE. Buscou-se saber se o órgão é de fato acessível, inclusivo e acolhedor aos estudantes. Dos entrevistados 48 estudantes disseram que sim e 35 estudantes disseram que não.

Gráfico 6

Você acha que a Pro-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PRACE) um ambiente acessível, inclusivo e de acolhimento?

83 respostas



Fonte: Elaboração dos Autores 2023

Apesar da maioria disser que sim, um dos entrevistados relatou de forma anônima sobre sua experiência negativa com a PRACE.

“Embora a PRACE faça um excelente trabalho no setor de acompanhamento estudantil, creio que precisam desburocratizar o acompanhamento de pessoas com transtornos psicossociais, além de maior comunicação em prol da empatia das atendentes com os alunos. Já fiz o projeto caminhar e passei por acompanhamento acadêmico os quais foram excelentes. Porém já presenciei e ouvi relatos negativos sobre o atendimento para Bolsas onde foram passadas informações confusas ou conflitantes, além de um desinteresse pela secretaria em dar um norte ao solicitante.

A partir desse relato, é importante que a PRACE melhore essa comunicação com os alunos, visto que, ali é um espaço que visa o acolhimento aos alunos e precisa que o diálogo e os processos internos sejam o mais acessível possível para que os alunos estabeleça uma boa relação e queiram sempre que precisarem voltar.

Ademais, é necessário entender a opinião dos estudantes sobre a importância de acolher a população local, visto que, a Hospitalidade Acadêmica não se diz apenas do acolhimento interno para com os personagens que ali estão diariamente como prestadores de serviço, funcionários, servidores, discentes e docentes. É

necessário que a Universidade possibilite e realize acolhimento a população local que está ali e nem sempre consegue acessar o ambiente acadêmico, até para que, entendam que ali é um local que deve ser ocupado por eles também.

Para isso, foi perguntado: “Você acha importante que a UFOP ofereça projetos e atividades de inclusão, trocas e acolhimento à população local?” e o resultado foi que 55 (66,3%) estudantes disseram que é importante e 28 (33,7%) estudantes disseram que não. Além dessa pergunta que era de múltipla escolha, havia um espaço para quem quisesse expressar demais sentimentos e um dos discentes disse:

A Universidade tem o dever de retornar seus conhecimentos para a população, principalmente regional. Fazendo parte de um projeto de extensão em determinada comunidade em OP, percebi que os projetos anteriores deixaram fragilidades por lá, pois não foi consolidado nenhuma sequência de projetos ou algo sólido. O relato da Diretora foi de um sentimento de "uso/abandono", pois usaram a escola e a comunidade para levantamento de informações acadêmicas, mas que legado foi deixado para eles? Acredito, que quanto acadêmicos, precisamos tratar o processo de fruição com a comunidade de forma participativa e com seriedade, para que o intercâmbio de ideias Universidade x Comunidade, ou vice versa, funcione efetivamente!

Nota-se por meio do relato do discente da importância da relação da Universidade e Comunidade, visto que, estamos ocupando um espaço público e a função da Universidade não tem que ser apenas um levantamento de dados usando a comunidade, mas pensar em formas de que aplicabilidade dos conhecimentos gerados por meio dos dados ali coletados. Junto a isso, é necessário que a academia tenha ações mais práticas e uma comunicação mais assertiva para com a população, para que assim, a população consiga ter um tratamento mais igualitário e possibilitar maiores trocas a todos envolvidos.

Já outro discente criticou sobre a relação dos Universitários que não são da cidade:

Percebo que tanto a Universidade quanto os universitários que não são de Ouro Preto não são tão receptivos aos moradores da cidade, existe um certo preconceito em acolher.

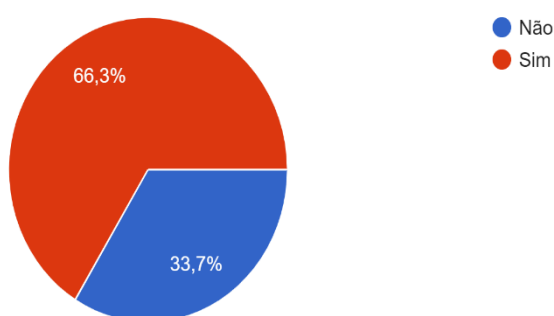
Portanto, com essas afirmações fica evidente que mesmo achando necessário o acolhimento da população local pela Instituição de Ensino há atitudes de hostilidade ou egoísta visando apenas o interesse do aprendizado acadêmico e não uma troca de experiências entre os envolvidos. Favorecendo a repercussão e a exclusão da população local e a quebra da tríade maussiana transformando em um clima hostilidade e gerando um ciclo inverso de tomar-faltar-rejeitar. Com isso, é

necessário que a Universidade proponha mais projetos que visem melhorar essa relação entre estudantes e população, para que assim, ambos notem que são importantes para um crescimento conjunto e uma boa relação.

Gráfico 7

Você acha importante que a UFOP ofereça projetos e atividades de inclusão, trocas e acolhimento à população local?

83 respostas



Fonte: Elaboração dos Autores 2023

Neste último gráfico, procurou-se saber sobre a opinião dos estudantes sobre a UFOP ter ações inclusivas de forma significativa da população local e 67 estudantes entrevistados disseram que não é apenas 16 estudantes disseram que sim. Portanto, segundo os alunos, os projetos e atividades promovidos pela a Instituição não são suficientes para de fato acolher a população ouro-pretana, o que favorece na rotulação da Universidade ser um ambiente elitista e excludente. Com isso, dificulta ainda mais que a população da região ocupe e usufrua do espaço e do ensino da Universidade que é pública e de uso para todos.

Após a discussão dos dados das percepções dos discentes que responderam o formulário para o levantamento de dados quantitativos, contudo, é necessário ainda analisar as entrevistas realizadas com dois discentes e a Pró-Reitora da PRACE.

5.1 Pesquisa qualitativa com dois Discentes e a Pró-Reitora da PRACE

As entrevistas realizadas com discentes e a Pró-Reitora da PRACE são de caráter qualitativa e buscou-se entender o que cada um deles entende sobre a hospitalidade na Universidade, se sentem acolhidos de modo geral, se a IE oferece meios para acolher a população e se entendem a importância da PRACE para os alunos.

Além disso, para ter-se um entendimento fora da percepção dos discentes, foi escolhido a visão de quem trabalha na PRACE e perguntado sobre as principais ações e dificuldades das ações de acolhimento aos alunos. Foram realizadas três entrevistas com as seguintes pessoas: Estudante de Serviço Social, Estudante de Engenharia Ambiental e a Pró-Reitora da PRACE Prof. Dra. Natália de Souza Lisboa. Reservamos o direito dos entrevistados e eles realizaram a assinatura do Termo de Consentimento e Autorização após a realização da transcrição das suas entrevistas, para ak.

Nesta pesquisa, desde o início, foi falado sobre a importância da hospitalidade e o acolhimento serem aplicados dentro da Universidade como forma de tornar a Universidade menos hostil e mais acolhedora, principalmente, aos alunos. Com isso, foi necessário aprofundar, por meio dos entrevistados, de forma qualitativa, a percepção dos estudantes perante esses termos (hospitalidade e acolhimento) e a diferença da percepção de quem atua de uma forma administrativa.

Ao perguntar aos discentes sobre o que eles entendiam sobre hospitalidade e acolhimento no âmbito acadêmico temos inicialmente a estudante Engenharia Ambiental:

“[...] o que eu entendo sobre hospitalidade e acolhimento, principalmente, no âmbito acadêmico, tendo um olhar a partir da minha experiência que sou uma pessoa que acessei na universidade por cotas sociais, que tive a necessidade imediata de moradia e dos auxílios. é uma visão de que a partir do momento que a pessoa comprove e faz todo o procedimento de matrícula o acolhimento e a hospitalidade pela universidade deve ser proporcionado pelas vias burocráticas; proporcionar acesso ao RU, acesso a moradia, na questão dos cursos os departamentos terem uma acolhida e um recebimento desse estudante apresentando e criando laços e aproximando desse ciclo que vai se iniciar.

Eu acho que isso pode ser feito de diversas formas. As primeiras semanas de aulas são sempre apresentações com nome, cidade, porque escolheu esse curso e tal..., mas eu acho que isso não basta, eu acho que esse acolhimento e essa hospitalidade ela é muito formal e não que isso seja negativo, não que necessite de algo mais informal, mas ela acaba sendo "superficial". Eu entendo que essa hospitalidade precisa ser iniciada, desde o momento que a pessoa efetivou a matrícula a Universidade precisa saber de tudo que ela precisa, ela precisa saber de todos os espaços que ela pode ocupar e estar e ela tem que saber também as pessoas que ela

pode recorrer como chefe de departamento. Ela tem que saber o nome caso ela tenha algum problema com a grade, colegiado, enfim... saber sobre o CA do seu curso ela precisa ter todas as informações para ela saber onde procurar essas informações. Eu acho que essa seria uma estratégia para acolher melhor, porque a gente fica bem perdido até achar a praxe, o restaurante, então, eu entendo que é uma recepção total tanto do curso, da praxe, tanto da prograd e da Universidade como um todo para que o estudante se sinta mais acolhido.”

Já o aluno de Serviço Social relata:

[...] aqui na UFOP há uma grande tentativa por parte da Reitoria, dos professores e de alguns discentes de tornar esse ambiente um pouco mais acolhedor para o cotidiano de tantas pessoas, sejam estudantes, Comunidade Acadêmica e a Comunidade Local de Ouro Preto, Mariana e João Monlevade (cidades as quais possuem campus da UFOP). É então uma tentativa de promover espaços acolhedores, principalmente, a partir desse contato que se dá através de muitos projetos de extensão que estão mais diretamente voltados para um trabalho com a comunidade acadêmica e com a população local e, com os Programas de Incentivo à Diversidade a Convivência, os projetos de Iniciação Científica e aqueles de incentivo a todo esse contato com a Comunidade Acadêmica e local.

[...] Existe a tentativa de acolhimento por parte de alguns projetos, professores e Programas da Universidade, mas também temos desafios a serem enfrentados no cotidiano da vida Universitária.

Por fim, tem-se a Pro Reitora da PRACE:

Então... falando pela PRACE a gente não utiliza o conceito hospitalidade. Lá a gente trabalha muito com a questão do acolhimento mesmo. E... o acolhimento para gente da equipe [...]. Sou professora do departamento de direito e fui a primeira pessoa que chegou lá para trabalhar e a equipe é composta por assistentes sociais, psicólogos, técnicos em assuntos educacionais e a palavra acolhimento é uma palavra que sempre ouvi muito desde que cheguei lá, sabe? Então... tinha muita essa questão também, porque como a praxe é um setor flexibilizado a gente funciona de 7:00 às 19:00 horas, então é com justamente essa intenção é de toda vez que o aluno chegar lá e ele seja acolhido. E como o nosso lugar é muito estratégico, a gente está em frente ao RU, do campus morro do cruzeiro, e os estudantes de Ouro Preto sempre conhecem e a gente também tem os núcleos... os NACE (Núcleo de Assuntos Comunitários e Estudantis) nos outros dois campi tanto em Mariana quanto em João Monlevade.

A gente tem também esses núcleos da praxe e sempre buscando essa visão do acolhimento que tenha algum servidor que possa fazer. Acaba que nosso acolhimento fica muito ligado a demanda que é aquilo que o aluno está precisando de ser respondido para ele ali na hora.

Ao comparar as respostas temos a seguinte situação: há sim uma tentativa da Universidade em acolher e ser hospitaleira com os alunos, entretanto, infelizmente, essas atitudes não são contempladas por todos. Contudo, vale ressaltar que mesmo com a alta demanda de alunos e a pouca verba disponível a PRACE consegue atingir muitos alunos com moradias estudantis, auxílio permanência e ainda no custeamento de uma grande parte das refeições de todos os alunos no R.U.

Além disso, houve uma estranheza com o não uso da palavra hospitalidade pela PRACE, pois, como foi levantado, a hospitalidade é uma forma de acolhimento e por haver trocas entre a Universidade, os alunos e as pessoas que ali trabalham é considerado hospitalidade, visto que, é muito mais abrangente que de fato a palavra acolhimento.

Dentre as atitudes que ali compreendem todos os prestadores e servidores dentro da PRACE está o empenho em ajudar o discente com auxílios financeiros, bolsas de alimentação, moradia e ajuda na parte acadêmica com possibilidade de ajuda de profissionais na área da educação a esses alunos e ações inclusivas para que todos os perfis de alunos, que ali necessitam de alguma ajuda sejam resolvidos suas demandas. Com isso, é de suma importância que esses servidores apresentem em seu atendimento de forma empática e hospitaleira. Para que assim, esses alunos permaneçam na Universidade. Portanto, a PRACE além de buscar acolher o aluno é hospitaleira a partir de ações que buscam tornar a estadia dos alunos a melhor possível.

A segunda pergunta foi sobre se os discentes se sentem acolhidos pelas relações sociais em volta da Universidade como colegas de curso, departamento e professores.

“Pelos meus professores e meu departamento eu busquei esse acolhimento, não foi algo que veio. Assim, eu busquei conhecer, saber quem são eles. Eu participo bastante das aulas, então, eu sinto esse acolhimento, mas também foi uma procura minha por isso.

Com os meus colegas e acho que todo mundo tem esse sentimento de não pertencimento, porque a gente não conseguiu ter uma relação. Óbvio, formaram alguns grupos, mas aí como meu curso é engenharia, e aí acaba que no ciclo básico algumas pessoas conseguem passar e outras vão ficando, então, a gente não consegue ter o mesmo grupo em todas as disciplinas e isso atrapalha um pouco.

O grupo que eu tinha para, por exemplo, fazer os trabalhos desmembrou, então, agora eu não tenho um grupo fixo para realizar os trabalhos das disciplinas e aí eu não me sinto muito acolhida e tem uma questão que eu também não sou natural de Minas, no meu curso tem muita gente da região, de Minas Gerais, e eu sou de São Paulo então me sinto um pouco deslocada às vezes.”

Já o aluno de Serviço Social sente-se muito bem acolhido por seus colegas, professores e seu departamento. Favorecendo sua permanência no ambiente acadêmico e até seu desempenho no curso.

Para além disso, a PRACE tenta por meio de ações que visam promover desde o início da chegada do estudante na Universidade o acolhimento a eles. Entre as ações realizadas tem-se:

“bem-vindo calouro... é uma ação que a equipe de orientação estudantil, todo início de semestre, manda email para os colegiados, para conversar com os professores e seja liberado para PRACE um horário das turmas dos primeiros períodos para que a gente possa apresentar a pró-reitoria e também a Universidade.

Somos uma Universidade do interior e com o SISU, possibilita que venham pessoas de todo o lugar ingressem na universidade. E então para conhecer, entender as siglas e a localização no campus é realizado esse evento. E aí a gente faz esse convite aos colegiados e nós prestadores da PRACE vamos apresentar nesses horários disponíveis e sempre tem alguns (colegiados) que a gente precisa ficar insistindo e falando: “ gente, é uma forma de o aluno conhecer e não chama bem-vindo ao calouro não é à toa” tanto que agora a gente fez ele remoto para os alunos que estão naquele limbo que estão matriculados mas não começaram. A PRACE fez o bem-vindo ao calouro também que é o nosso maior programa se for pensar, porque a gente pega todos os alunos que estão entrando.”

Portanto, nota-se uma divergência entre os entrevistados. De um lado, a Instituição tentando realizar o acolhimento dos estudantes na sua primeira semana. Contudo, será mesmo isso o suficiente para os alunos calouros? Será que esses alunos calouros, que recebem um turbilhão de informações se sentem acolhidos apenas com essa programação de acolhimento nesse início? Será que os departamentos fomentam atividades que favorecem uma maior comunicação entre: colegiado, departamento, docentes e discentes? Para a discente de Engenharia Ambiental, por exemplo, nota-se que ela não se sente acolhida e que precisou se esforçar para se sentir melhor e ocupar um espaço dentro da sala, de certa forma, um destaque para que conseguisse ter uma relação melhor com professores e a sala. Já o aluno de Serviço Social, já se sente muito bem acolhido pelos seus colegas e professores.

Por conseguinte, é necessário propor novas estratégias não só para a primeira semana desses alunos e um projeto construído com os departamentos para favorecer uma atenção maior aos alunos durante a graduação inteira.

Por fim, tem-se a última pergunta que consiste no entendimento da visão dos discentes sobre o acolhimento com a população local. A estudante de Engenharia Ambiental, levanta sobre a dificuldade do ambiente acolher essa população e a dificuldade dessas pessoas em ocuparem esse espaço que, apesar de ter o foco nos estudantes, precisa propor

“ [...] Eu acho que há uma fala que existe essa aproximação, mas na prática eu não acho que acontece.

A gente tem os grupos de congado aqui na cidade, tem os grupos tradicionais culturais; no início do ano teve uma festa tradicional da cultura daqui vinculada a igreja católica, mas eu não vejo muita valorização e muita aproximação dessas pessoas que constrói e que faz a cidade acontecer com a universidade. Parece até dois mundos diferentes e eu acho que a

cultura republicana na UFOP ela acaba sendo uma problemática enquanto a isso, porque a gente vê nitidamente dois grupos: o grupo de estudantes republicanos e o grupo de estudantes que não são ou que são da cidade. Então eu acho que falta muito esse diálogo da universidade com a cidade e começando com projetos. Começa por valorizar as associações das cidades, os grupos tradicionais. Eu acho que falta muito... tanto que já ouvi das próprias pessoas da cidade falarem que não é positivo para ela os estudantes na cidade... que não agrega muito e isso é preocupante, mas eu acho que isso acontece porque a própria população não consegue acessar a universidade e isso é muito problemático. Quando a gente teve a pesquisa "de como você está?" Que é uma pesquisa recente da Prograd para saber como a gente estava e o acesso a internet antes do ple a gente viu que 30% só das pessoas que estudam na universidade residem na mesma cidade que a do campus, então, isso é um percentual muito baixo você ter 70% do campus vir so para estudar e acabam indo embora depois essa relação da população com a universidade é muito rasa e muito pouca.

Junto a essa premissa, o discente de Serviço Social, diz sobre a importância dos projetos de extensão dentro da Universidade dando exemplo, inclusive, de um dos projetos organizados pela professora Kerley (professora e doutora dentro do Departamento de Turismo) o qual propõe o seguinte:

Projeto CONVIVER: Valorização e Capacitação de Pessoas Para o Turismo Vivo – coordenado pela Professora Kerley, do Turismo. É um projeto que admiro muito e que já vem desde 2017 realizando esses trabalhos de articulação, discussão e aprendizado, de capacitações de pessoas para fazerem aquilo que elas sabem fazer e para se capacitarem naquilo e é uma ótima forma de articulação da Universidade – unindo o conhecimento científico com a população local de Ouro Preto e desenvolvendo diversas atividades no âmbito da cultura, do trabalho e das atividades turísticas.

Portanto, nota-se que a UFOP junto a PRACE busca acolher os alunos e fomentar esse contato com a população por meio de projetos de extensão e com atitudes que viabilizem que os alunos consigam ter o máximo de ajuda financeiras como as bolsas oferecidas pela PRACE, as moradias e outros auxílios favorecem a permanência dos alunos, contudo, nota-se que ainda é necessário criar outros métodos para melhorar a comunicação entre os alunos e entre a população, com isso, necessário criar novas metodologias e estratégias para facilitar essa relação e fomentar ainda mais o ciclo de dívida de Mauss para além do ambiente acadêmico e melhorar a relação da Universidade com a comunidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada foi realizada no período da pandemia, o que foi um grande dificultador para realização das entrevistas e da aplicação do formulário aos alunos, visto que, foi um período de grande demanda de formulários online,

palestras, aulas, lives etc. Contudo, mesmo o alcance não ter sido como o pretendido foi possível tirar ótimas conclusões sobre o espaço acadêmico da UFOP.

Com isso, há a necessidade de realizar uma nova pesquisa, com outros tipos de perguntas propondo um comparativo de respostas entre os alunos na atualidade, pois após o período pandêmico e a volta às aulas muita coisa mudou a respeito da percepção dos alunos sobre o ambiente acadêmico usando de comparativo o ambiente online e o presencial.

Nota-se, então, a partir dessa pesquisa que a UFOP busca por meio de seus auxílios fomentar o acolhimento e a permanência dos alunos que ingressam na Universidade e aos alunos que já estão na graduação por meio de políticas públicas internas. Contudo, devido a grande diversidade de alunos e por, conseqüentemente, terem necessidades completamente diferentes uns dos outros sobre o que é sentir-se acolhido, não são todos que se sentem acolhidos, mas a Universidade tenta ofertar por meio de diversos projetos acolher os alunos.

Ademais, verifica-se ações importantes para integração da comunidade local no âmbito universitário. Tais projetos objetivam não apenas proporcionar hospitalidade aos atores envolvidos na cena universitária diretamente ou indiretamente, como também, lidar com as hostilidades causadas pelas diferenças sociais, étnicas e psíquicas. De toda forma, a UFOP ainda não apresenta uma plataforma integrada de hospitalidade acadêmica cujo termo é desconhecido no que tange ao seu cunho social. Não obstante, pode-se perceber que a UFOP apresenta atitudes hospitaleiras e que busca formas de acolher o estudante e a comunidade com suas alteridades e necessidades.

Para que a Universidade tenha um alcance maior e uma melhor comunicação entre os alunos é necessário estabelecer uma política de hospitalidade acadêmica o qual é o um desafio institucional que cabe às universidades brasileiras com o intuito de atingir o seu pressuposto educacional e ético diante das desigualdades sociais presentes no território brasileiro.

Junto a isso, fica-se evidente também a partir dos gráficos a repercussão de rótulos sociais que os prédios com viés das áreas de engenharia e medicina são as que mais oferece uma dificuldade dos alunos em se sentirem acolhidos, talvez, pela logística dos espaços ou por serem locais que alunos já sofreram hostilidades ou por ser prédios os quais abrangem matérias mais difíceis para os alunos durante a

graduação, com isso, é necessário que a Universidade entenda e proponha melhorias nos espaços sociais desses prédios e entender o motivo que gera esse sentimento dos alunos como forma de até melhorar o desempenho acadêmico dos discentes.

Este trabalho tratou da hospitalidade acadêmica e a importância dos projetos com os estudantes e a comunidade local a qual a universidade faz parte. No caso estudado, verifica-se a tentativa da criação de laços sociais, estreitamento das relações entre os participantes, trocas culturais e de vivências. Ou seja, a UFOP não só propõe acolhimento para seus alunos, como também para a população local, como forma de retribuição a cidade por receber os alunos e serem hospitaleiros aos estudantes, além de proporcionar a qualificação de pessoas que muitas vezes não recebe muitas oportunidades no mercado de trabalho por diversos motivos como: baixa escolaridade, baixa renda, cor da pele e demais característica que compreende normalmente as minorias sociais.

Portanto, pode se perceber que as trocas são assimétricas, há a doação dos envolvidos nos projetos em questão como forma de retribuição à acolhida hospitaleira da sociedade ouro-pretana que, nesse caso, é a anfitriã e recebe de forma hospitaleira os estudantes e tentam oferecer um bem estar aos seus estrangeiros que por várias situações será também anfitrião. Com isso, temos aqui uma dádiva e a representação e a tríade maussiniana dar-receber-retribuir por meio de sacrifícios com o outro.

O presente trabalho aponta a necessidade da continuação dos estudos para um conceito apropriado de hospitalidade acadêmica, a luz da dos pensamentos humanos e sociais, em vias da construção de espaços acadêmicos mais plurais e democráticos em via da construção do conhecimento e do convívio com as diferenças e das necessidades mais urgentes de nossa sociedade.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Apresentação PRACE .Prace UFOP, 2019. Disponível em: <https://prace.ufop.br/apresentacao>

ARAUJO, Marivânia Conceição de . A teoria das representações sociais e a pesquisa antropológica. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, ano V, n. 2, jul – dez. 2008.

BASTOS, S. R., RAMEH, L. M., & BITELLI, F. M. (2016). O conceito de hospitalidade de Jacques Derrida nos artigos científicos do Portal de Periódicos da Capes. Anais XIII Seminário ANPTUR, 2017.

BENETT. JOHN B. The Academy and Hospitality. The Wisdom of the Heart and the Life of the Mind: Fiftieth Anniversary Issue Vol. 50, No. 1/2, pp. 23-35. Published By: University of North Carolina Press, 2000.

BRUSADIN, Leandro Benedini. O sentido do acolhimento na hospitalidade : entrevista com Conrad Lashley. *Caderno virtual de turismo*. Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 9-14, déc. 2016.

_____. O estudo da hospitalidade por Luiz Octávio de Lima Camargo : epifania da dádiva. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, volume 13, n.02, p. 242-247, août 2016b.

BRUSADIN, Leandro Benedini; PANOSSO NETTO, Alexandre. La dádiva y el intercambio simbólico : supuestos sociológicos y filosóficos para la teoría de la hospitalidad en las sociedades antiguas y modernas. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, v. 25, pp. 520 – 538, 2016.

COMANDULLI, S. P. E. A ética da hospitalidade no reconhecimento do outro. *Seminário de Pesquisa Em Turismo Do Mercosul, Caxias Do Sul, Universidade Caxias Do Sul*, 2015, p. 3–8.

CAMARGO, Luis Octávio de Lima. Os interstícios da hospitalidade. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, 2015.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. *Pesquisa como base para a construção teórica no campo do turismo e da hospitalidade*. *Revista Hospitalidade*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, ano 2. n. 1, p. 55-67, 1.sem. 2005.

DERRIDA, Jacques; DUFOURMANTELLE, Anne. *Da hospitalidade*. Trad. Fernanda Bernardo. Viseu: Palimage, 2003.

DERRIDA, Jacques. *The gift of death*. Chicago and London: The University of Chicadg Press, 1995

REIS, C. U. F.; BRUSADIN, L. B. A identificação feminina com o campo da hospitalidade. *Anais do V Encontro de hospitalidade e turismo da Universidade Federal Fluminense*, 2013. p. 790–802.

FUNARI, P. P. ; FREDERICO, I. B. A espiritualidade na hospitalidade: uma viagem da Antiguidade às Minas Gerais. In: *Hospitalidade e Dádiva: a alma dos lugares e a cultura do acolhimento*. Curitiba: Primas, 2017.

GOTMAN, A. Hospitalidade em sentido próprio e figurado. *Revista Hospitalidade*, 16(3), São Paulo, 2019, p. 160–174.

LEVINAS, Emmanuel. Entre nós. *Ensaio sobre alteridade*. Vozes: Petrópolis, 2004.

MARCELINO, G. K., & CAMARGO, L. O. de L. Dimensões teóricas da noção de hospitalidade. In: *Hospitalidade e Dádiva: a alma dos lugares e a cultura do acolhimento*. Curitiba: Primas, 2017.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Trad.: António Filipe Marques. Lisboa: Edições 70, 2008.

Missão e Valores PROEX. PROEX UFOP, 2017. Disponível em: <https://proex.ufop.br/proex/apresentacao/missao-e-valores>

NIEROTKA, R.L., and TREVISOL, J.V. Desigualdades sociais e elitismo da educação superior brasileira. In: *Ações afirmativas na educação superior: a experiência da Universidade Federal da Fronteira Sul* [online]. Chapecó: Editora UFFS, 2019, pp. 13-39. ISBN: 978-65-5019-009-5. <https://doi.org/10.7476/9786550190071.0002>.

O'GORMAN, Kevin D. Modern Hospitality: Lessons From the Past. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 12(2), 2005, p. 141–151.

PIMENTEL, A. B; BARBOSA, R.; SANSOLO, D.; IRVING; M.A. Dádiva e Hospitalidade. *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, Vol. 7, N. 3, 2007.

PHIPS, A., & Barnett, R. (2007). *Academic Hospitality. Arts and Humanities in Higher Education*, 6(3), 237–254. <https://doi.org/10.1177/1474022207080829>

Resolução Cuni .Prace UFOP, 1997. Disponível em: http://prace.ufop.br/sites/default/files/resolucao_cuni_414.pdf

SALES, Maria do Rosário Rolfsen; BUENO, Marielys Siqueira; BASTOS, Senia. Desafios da Pesquisa em Hospitalidade. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, v. VIII, n.1, jan.-jun. 2010.

SANTOS, M. M. C. dos; PERAZZOLO, O. A.; FERREIRA, L. T. Dádiva e antidádiva: reflexões sobre aceitação e rejeição. In: *Hospitalidade e Dádiva: a alma dos lugares e a cultura do acolhimento*. Curitiba: Primas, 2017.

SPOLON, A. P. G., NETTO, A. P., & BAPTISTA, I. A interação em pesquisa e a importância do exercício da hospitalidade em ambiente acadêmico. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, 2015, 179–217.

SPOLON. Ana. Sobre os Domínios da Hospitalidade: Revisão Teórica e Proposições. *VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*. p.1-14. Set, 2009. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/6/12.pdf>

SOUZA, M. P.; SILVA, L. Q. da; FOSSATTI, P.; JUNG, H. S. Universidade e inclusão: um estudo de caso sobre o acolhimento ao aluno. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, Florianópolis, v. 17, p. e0011, 2021. DOI: 10.5965/19843178172021e0011. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/16215>.

TOMILLO NOGUERO, Félix. La hospitalidad como condición necesaria para el desarrollo local. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, v. X, n. 2, dez. 2013.

WADA, E. K., CAVENAGHI, A. J., & SALLES, M. do R. R. O marco comparativo e teórico dos estudos de hospitalidade no Brasil. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, 2015, p. 93–111.

APÊNDICES

ANEXO I

ROTEIRO DAS PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA QUALITATIVA

Nome:

- 1- O que você entende sobre hospitalidade e acolhimento no âmbito acadêmico?

- 2- Você se sente acolhido na UFOP pelos seus colegas, seu departamento e seus professores?

- 3- Você conhece a PRACE? Já precisou de alguma ajuda dela? Explique o que você entende sobre a importância da PRACE em relação ao acolhimento aos alunos calouros e veteranos.

- 4- Fale o que você acha que a UFOP e o seu departamento poderiam fazer para que você se sinta acolhido.

- 5- Você acha que na UFOP há políticas de acolhimento a população local? Cite exemplos.

Nome

- 1- O que você entende sobre hospitalidade e de acolhimento no âmbito acadêmico?
- 2- Quais são as ações da PRACE para garantir a inclusão e o acolhimento de todos os alunos
- 3- Devido a pandemia, fica mais difícil de acompanhar e ter ações afirmativas de acolhimento aos alunos. Quais foram as mudanças que precisaram ser feitas para que a PRACE continuasse presente e acessível aos alunos?
- 4- Quais são suas maiores dificuldades como Pró-reitora na PRACE?

ANEXO II

João Caio Oliveira da Silva

1-O que você entende sobre hospitalidade e acolhimento no âmbito acadêmico?

Para mim, existem os ambientes que são acolhedores e os ambientes que, por vezes, podem ser inóspitos. Essa palavra é um pouco forte, mas normalmente quando o ambiente não é acolhedor ele pode ser, muitas vezes, inóspito. Nesse contexto, aqui na UFOP há uma grande tentativa por parte da Reitoria, dos professores e de alguns discentes de tornar esse ambiente um pouco mais acolhedor para o cotidiano de tantas pessoas, sejam estudantes, Comunidade Acadêmica e também Comunidade Local de Ouro Preto, Mariana e João Monlevade (cidades as quais possuem campus da UFOP). É então uma tentativa de promover espaços acolhedores, principalmente, a partir desse contato que se dá através de muitos projetos de extensão que estão mais diretamente voltados para um trabalho com a comunidade acadêmica e com a população local e, com os Programas de Incentivo à Diversidade e Convivência, os projetos de Iniciação Científica e aqueles de incentivo a todo esse contato com a Comunidade Acadêmica e local.

Por outro lado nós temos alguns cursos com pessoas que às vezes não são tão acolhedores e que a gente sente isso, principalmente, se tratando de cursos de exatas. Existe a tentativa de acolhimento por parte de alguns projetos, professores e Programas da Universidade, mas também temos desafios a serem enfrentados no cotidiano da vida Universitária.

2- Você se sente acolhido na UFOP pelos seus colegas, seu departamento e seus professores?

Sim, posso dizer com toda certeza que, por parte dos meus professores e dos meus colegas de turma e de curso, como também do Departamento de Serviço Social no Campus Mariana que eu me sinto realmente acolhido. Percebo que é um curso que propõe essa

articulação entre os estudantes e os professores, e também considero o Departamento do curso muito articulado e aberto nesse sentido.

3- Durante a suas idas a Ouro Preto, antes da pandemia devido ao seu projeto de extensão junto a professora Kerley você se sentia acolhido também?

Sim. Não como aqui em Mariana que eu acredito que temos uma diferença que é física e territorial em questão do tamanho do Campus... Para mim são espaços territoriais completamente diferentes, porque em Ouro Preto nós temos uma área muito maior e em Mariana um espaço reduzido, o que torna as relações, ao meu ver, um pouco mais acolhedoras e mais calorosas, e também devido à existência dos cursos de Ciências Sociais. Já no Campus Ouro Preto eu me sinto um pouco mais deslocado e afastado, porque eu acho que tem muitos cursos e muitas áreas que são diferentes entre si. Mas no Departamento de Turismo com os trabalhos da professora Kerley, eu sinto sim, esse acolhimento por parte de alguns professores do Departamento de Turismo e também do Direito e da Museologia da EDTM... Isso é o que pude sentir.

4- Você conhece a PRACE? Já precisou de alguma ajuda dela? Explique o que você entende sobre a importância da PRACE em relação ao acolhimento aos alunos calouros e veteranos.

No Campus Mariana a gente tem a NACE no ICHS, é meio que uma extensão da Prace, não sei se está correto mas é mais ou menos isso. A PRACE é realmente muito importante e eu vejo como um setor muito eficaz em prol de todos os estudantes, seja por administrarem diversas Políticas Assistenciais para os estudantes e por promoverem espaços de discussão e de articulação de estudantes com a comunidade local. Nesse contexto, a PRACE, para mim, representa essa possibilidade de a partir de diversos projetos como é o caso dos Programas de Incentivo à Diversidade e Convivência que são da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis promoverem o acolhimento na Universidade. Então a PRACE além de todo o operacional que ela realiza, vejo ela como imprescindível na promoção desses projetos e na administração das Políticas Assistenciais da Universidade, na defesa desses recursos e também na expansão desses serviços a todos os estudantes e à comunidade acadêmica.

5- Você recebe alguma bolsa da PRACE?

SIM, eu sou bolsista da PRACE desde o segundo semestre de 2018, que foi quando cheguei aqui na UFOP, e sou contemplado pela bolsa permanência, bolsa alimentação e faço parte do Projeto de Extensão Prevenção ao Suicídio que é um projeto da Pró-Reitoria de

Extensão mas que também trabalha com o acolhimento da Comunidade Acadêmica e da comunidade local tanto de Ouro Preto quanto de Mariana e, com a pandemia, esse trabalho vem expandido além dos muros da Universidade – o que é muito importante. Então a gente vai conseguindo uma maior articulação com outras cidades, outras escolas e, então, a Extensão vai além dos muros da Universidade, da cidade e das barreiras físicas.

6- Fale o que você acha que a UFOP e o seu departamento poderiam fazer para que você se sinta acolhido.

Acho que a UFOP primeiramente deve ampliar suas ações ao máximo em relação ao acolhimento, porque quando a gente está falando de pessoas estamos falando do negro, da mulher, do homossexual, da pessoa com deficiência e toda a diversidade existente... então é necessário pensar em estratégias para ampliar as diversas formas de acolhimento à todos os estudantes que chegam na Universidade – a qual possui um grande potencial que precisa ser reconhecido pois é uma Universidade de qualidade. Mas é um trabalho que precisa ser diariamente reforçado e ampliado para melhor acessibilidade e acolhimento de todos.

E por parte do Departamento de Serviço Social, os Assistentes Sociais têm o dever de se articular e formar espaços de discussão, aprendizagem e conversa sobre esses diversos temas sociais, históricos e políticos que fazem parte da nossa vida todos os dias e que nos afetam de diversas formas. Procurar também estratégias de acolhimento em prol da diversidade.

7- Você acha que na UFOP há políticas de acolhimento a população local? Cite exemplos.

Os Projetos de Extensão vão muito nessa via. Um grande exemplo disso é o Projeto CONVIVER: Valorização e Capacitação de Pessoas Para o Turismo Vivo – coordenado pela Professora Kerley, do Turismo. É um projeto que admiro muito e que já vem desde 2017 realizando esses trabalhos de articulação, discussão e aprendizado, de capacitações de pessoas para fazerem aquilo que elas sabem fazer e para se capacitarem naquilo e é uma ótima forma de articulação da Universidade – unindo o conhecimento científico com a população local de Ouro Preto e desenvolvendo diversas atividades no âmbito da cultura, do trabalho e das atividades turísticas.

ANEXO III

Natália de Souza Lisbôa -Pro Reitora PRACE

1- O que você entende sobre hospitalidade e de acolhimento no âmbito acadêmico?

Então... falando pela PRACE a gente não utiliza o conceito hospitalidade. Lá a gente trabalha muito com a questão do acolhimento mesmo. E... o acolhimento para gente

da equipe, eu sou a primeira Pró-reitora de chegou de fora. A PRACE é uma pró-reitoria relativamente de foranova e eu fui a primeira pessoa... sou professora do departamento de direito e fui a primeira pessoa que chegou lá para trabalhar e a equipe é composta por assistentes sociais, psicólogos, técnicos em assuntos educacionais e a palavra acolhimento é uma palavra que sempre ouvi muito desde que cheguei lá, sabe? Então... tinha muito essa questão também, porque como a prace é um setor flexibilizado a gente funciona de 7:00 às 19:00 horas, então é com justamente essa intenção de toda vez que o aluno chegar lá e ele seja acolhido. E como o nosso lugar é muito estratégico, a gente está em frente ao RU do campus morro do cruzeiro e os estudantes de Ouro Preto sempre conhecem e a gente também tem os núcleos... os NASCE nos outros dois campis tanto em Mariana quanto em João Monlevade a gente tem também esses núcleos da prace e sempre buscando essa visão do acolhimento que tenha algum servidor que possa fazer. Acaba que nosso acolhimento fica muito ligado a demanda que é aquilo que o aluno esteja demandando de ser respondido para ele ali na hora.

2- Quais são as ações da PRACE para garantir a inclusão e o acolhimento de todos os

Alunos?

A PRACE o grande funil que a gente tem la das ações, porque como a gente é uma pro reitoria de assuntos comunitários e estudantis, a gente trabalha com a Universidade inteira, muita gente esquece que o RU é vinculado a PRACE mesmo que o aluno não seja bolsista a UFOP subsidia o valor da refeição para ele. O centro de saúde é também vinculado a Prace, então, a gente tem essas formas de acolhimento que não estão voltadas, exclusivamente, para os alunos vulneráveis economicamente que aí para esses a gente tem o procedimento da avaliação socioeconômica essa avaliação é realizada pela equipe de assistentes sociais que vai classificar o aluno em quatro categorias: A, B, C, D e E que não encaixa no perfil.

Até o final de 2019, a gente trabalhava com o teto do PNAES (Programa Nacional de Assistência Estudantil) e ia até um salário mínimo e meio per capita para ser considerado vulnerável só que desde final do ano passado como a gente não tem tido aumento nenhum, pelo contrário só cortes nas verbas de assistência estudantil e tem aumentado o numeronúmero de vulneráveis, então, a gente readequou a metodologia e hoje a gente atende até um salário per capita e ai essa avaliação garante que os alunos sejam acolhidos na Universidade também com a bolsa permanência e a possibilidade deles participarem dos

editais de moradia socioeconômica e o RU totalmente gratuito todos os dias e em todas as refeições.

3- Com a pandemia aumentou muito a quantidade de procura dos alunos? Porque a gente sabe que muitas famílias os pais perderam o emprego ou às vezes até o próprio aluno perdeu o emprego.

A gente conseguiu readequar os serviços da PRACE já no mês de abril para fazer todos os atendimentos remotos tanto as de avaliação socioeconômica tanto como as de orientações estudantil, de bolsas, a gente conseguiu fazer essa transição. Então, nós não sentimos um aumento ainda. Esperávamos um aumento maior, a gente sentiu um aumento maior mais no sentido de familiares que perderam o emprego em razão devido a mineração, principalmente, nos rompimentos das barragens a gente verificou um aumento do índice da vulnerabilidade grande tanto dos alunos quanto dos familiares nessa época já e agora a gente tem. A gente ainda não fechou o estudo para saber, mas a gente fez, por exemplo, a gente manteve todas as bolsas permanência, está tendo o auxílio alimentação proporcional e criamos o auxílio inclusão digital, então assim, estamos segurando as pontas para a manutenção.

A gente faz lá na PRACE o estudo do perfil socioeconômico dos estudantes, eu não sei se você já viu lá nas nossas publicações, então, com certeza no ano que vem a gente já vai saber esse impacto como que foi e como está sendo. Com isso, ano que vem a gente já deve ter tanto essa construção do perfil do aluno... eu não sei se você lembra de ter preenchido quando entrou na Universidade.

Mayara- Então, eu não preenchi porque sou ampla concorrência

Não, Mas a gente manda para todo mundo preencher porque a gente faz um comparativo.

Mayara- Entendi. Então não fui eu quem fiz a minha matrícula. Foi minha mãe na verdade, mas eu não me lembro de ter recebido nada para preencher.

É... porque a gente tem tentado fazer, mas assim, talvez quando você entrou não recebeu... a gente institucionalizou mesmo tem uns três quatro anos. Então, quando a gente faz o bem-vindo calouro porque a PRACE é inclusive uma luta pelo acolhimento nos cursos, porque não é só as informações que realizamos na matrícula como: o que é a prace? Como funciona? Os alunos que entram por conta eles já têm essa visão da UFOP que é referência nacional em assistência estudantil... se você conversar com pessoas de outras instituições no Brasil você vai ver como as pessoas ficam impressionadas com o nosso sistema de moradia

como eu a gente tem condição de dar vaga para mais de mil alunos, então, são coisas que são referências mesmo. Nós somos uma das poucas Universidades que tem a avaliação socioeconômica aberta permanentemente e muitas universidades hoje estão trabalhando com edital, então, a gente de “x” de dinheiro vai dar para dar “y” bolsas, então, todo ano teria que todo mundo cadastrar e concorrer.

Sobre o bem vindo calouro... é uma ação que equipe de orientação estudantil todo início de semestre manda email para os colegiados, para os colegiados conversar com os professores para que seja liberado para PRACE um horário das turmas dos primeiros períodos para que a gente possa apresentar a pro-reitoria mas também a Universidade e para quem está chegando nós somos uma Universidade do interior muita gente a partir do SISUisus possibilita que venham pessoas de todo o lugar e então para conhecer mesmo e entender as siglas e a localização no campus e aí a gente faz esse convite aos colegiados e nós prestadores da PRACE vamos apresentar nesses horários disponíveis e sempre tem alguns que a gente precisa ficar insistindo e falando: “ gente, é uma forma de o aluno conhecer e não chama bem-vindo ao calouro não é a toa” tanto que agora a gente fez ele remoto pro alunos que estão naquele limbo que estão matriculados mas não começaram. A PRACE fez o bem-vindo ao calouro também que é o nosso maior programa se for pensar, porque a gente pega todos os alunos que estão entrando.

4- Devido a pandemia, fica mais difícil de acompanhar e ter ações afirmativas de acolhimento aos alunos. Quais foram as mudanças que precisaram ser feitas para que a PRACE continuasse presente e acessível aos alunos?

A principal mudança que a gente fez foi na avaliação socioeconômica, porquê como é que funcionava antes: o aluno entrava na minhaufop, preenchia o questionário no CPAEcepaee, enviava o questionário para a gente e tinha que ir lá na prace entregar os documentos, então, usando a tecnologia do geGsuit (como escreve?) a gente criou um formulário e o aluno continua preenchendo o formulário na minhaufop o cadastro e as assistentes sociais e ele já entrega em pdf por familiar separado e aí já chega isso para gente para que possamos fazer a avaliação para ele ter acesso às bolsas permanência, alimentação e inclusão digital.

5- Mas você acha que melhorou o acesso do aluno ou você acha que de certa forma dificultou?

Eu acho que facilitou em alguma medida porque hoje você consegue programas que do celular tira foto e já transforma em PDF, às vezes, é mais fácil fazer isso do que pagar para

tirar xerox para levar, inclusive, a gente teve alunos que falaram, por exemplo, a recomendação do CUNI que os alunos voltassem a domicílio, então, isso garantiu a possibilidade de quem não estava em Ouro Preto, Mariana e Monlevade pudesse fazer essa avaliação socioeconômica.

6- Quais são suas maiores dificuldades como pró-reitora na PRACE?

(RISOS) maiores? Então... tédio a gente não passa, sabe? A minha formação é toda voltada em direitos humanos o meu mestrado é em direitos e garantias fundamentais, meu doutorado é em direitos internacionais dentro dos direitos humanos e eu sempre trabalhei com disciplinas que lidam com os direitos civis que eu pego os alunos do primeiro e do segundo período e de direitos humanos também. Então... as questões lá da prace sempre foram coisas que eu trabalhava na teoria, tanto que quando eu cheguei lá havia vários projetos na gaveta que eu consegui juntar os servidores e botar para rodar. Igual o PIDIC, por exemplo, que é o programa de diversidade e convivência e é muito engraçado como nós do direito como quem vai organizar algumas coisas. E aí eles falam que eu transformo tudo em portaria que eu regulamento as coisas, mas é algo que é da natureza da minha formação, então, isso foi um desafio, mas eu também tinha tido uma experiência, porque eu já tinha dado aula no serviço social. Eu fui professora substituta na UFVJM (Universidade Federal do Vale Jequitinhonha e Mucuri) de Teófilo Otoni do campus avançado do Mucuri e eu dava aula de Direito e Legislação Social lá. Então... já eram questões que eu já tinha um trânsito. Mas eu vejo assim que a maior dificuldade mesmo é o exercício da diversidade mesmo que a gente sabe na teoria à prática é muito distinta e também o exercício da alteridade de eu me colocar no lugar do outro. Eu sou assim... uma mulher branca, hetero, não tenho deficiência, sou uma servidora pública concursada, sou de uma família cristã que não sofri preconceitos religiosos minoritários e assim eu acho que isso é um desafio, sabe? Para que eu tenha essa noção de que eu estou ali representando alguma demanda que não são demandas minhas... eu reconheço meus privilégios e trabalho para aquilo que aparece como demanda. Tanto que a gente tem conseguido na prace o fórum de assistência estudantil que já é o segundo e ele é baseado no copae que é o Comitê Permanente de Assistência Estudantil que é um órgão que institucionalizamos ele.

Na verdade, é até fruto de um trabalho de mestrado de uma das assistentes sociais da prace e a gente tinha o comitê permanente de moradia estudantil só que aí a gente percebeu que não é só a moradia que a gente precisava ouvir das pessoas. E assim, esse comitê permanente de assistência estudantil ele é paritário, a gente da gestão não participa mas tem

os técnicos da prace, da prograd, da precam, proprlad e dos alunos dos três campi e dos representantes da moradia essa construção democrática pelo menos essa tentativa de ouvir todos os lados e tem dado muito certo. Eu acredito muito nessa participação, sabe? Então... eu acho assim que os desafios são esses e assim além dos desafios orçamentários e esse eu nem conto mais, porque é... não tem adjetivo para tratar e é muita loucura, porque se você for pensar que o pnais PNAES que eu referenciei é um decreto e o decreto é o ato normativo mais frágil que existe, se foi um presidente que fez um outro presidente pode chegar e desfazer. E é um decreto de 2010, sabe? Governos progressistas que passaram perderam a oportunidade de transformar aquilo que é uma política de governo numa política de estado e com esse desmonte que a gente está vivendo a gente está vendo uma violência contra a Universidade Pública, porque ela ameaça mesmo porque é onde tem gente pensando é onde tem gente produzindo e a gente fica pensando naquelas pessoas que são atendidas pela assistência estudantil já são as mais violentadas desde o início, porque a pressuposição de quem tem esse pensamento que não é inclusivo é que essas pessoas não precisam estar numa universidade. O primeiro pensamento é esse: para que ter bolsa permanência? Para que ter RU? E eu lembro assim que a gente fala mas fica parecendo umas coisas distantes; quando foi final de 2018 a gente propus a bolsa alimentação integral para todos os estudantes. Antes, eu não sei se você lembra, mas repetia categoria da permanência quem fosse categoria A e fosse 100% recebia 100% de ticket no RU e por exemplo quem fosse D recebia 25%. E aí a gente recebia muito o contato dos alunos, principalmente c e d, falando assim: olha, a gente está usando bolsa permanência para pagar os tickets do RU do resto do mês e aí a gente fez as contas e viu que às vezes o estudante não mora no campus e ele não vai almoçar e jantar todos os dias, então, esse cálculo que se todo mundo tivesse 100% e continuasse usando assim mesmo a gente ia continuar investindo o mesmo tanto. E aí eu pensei: Fenomenal! Fizemos tabela e tudo e aí vamos pro CUNI... cheguei no conselho universitário e assim é o problema da bolha que a gente vive porque quem trabalha e acredita na diversidade você acha que todo mundo vai estar entendendo as coisas do mesmo jeito que você do que a gente está propondo.

Eu “apanhei” no CUNI de uma forma de diretores de escolas falando assim: Para que precis a de mais? Não está faltando dinheiro? Aí eu tive que explicar. Eu de humanas, explicando os números lá, olha coleguinha a questão não é o dinheiro estamos falando de alimentação dessa possibilidade e tal. Acabou que passou, mas é assim é aquilo que você que está envolvido acha que todo mundo vai entender, mas aí chega lá e vê que é um desafio às vezes dentro da própria universidade e tem muita gente que enxerga a prace como um lugar só

para resolver problema. E eu acabo tendo muito contato com alunos que estão sendo orientados pela orientação estudantil quando precisa chamar os professores e o colegiado eu acabo me reunindo também e às vezes a gente vê professores que não tem a menor perspectiva de hospitalidade e acolhimento. Pelo contrário, acaba culpabilizando o aluno por talvez uma incapacidade dele em transmitir conhecimento e de exercer alteridade de pensar naquele indivíduo ali como uma pessoa, como um ser que tem necessidades especiais que todos nós temos.

ANEXO IV

1- O que você entende sobre hospitalidade e acolhimento no âmbito acadêmico?

Então, primeiro eu vou falar um pouco do que eu acho que deveria ser e não é a realidade. Mas o que eu entendo sobre hospitalidade e acolhimento, principalmente, no âmbito acadêmico, tendo um olhar a partir da minha experiência que sou uma pessoa que acessei a universidade por cotas sociais, que tive a necessidade imediata de moradia e dos auxílios é uma visão de que a partir do momento que a pessoa comprove e faz todo o procedimento de matrícula o acolhimento e a hospitalidade pela universidade deve ser proporcionada pelas vias burocráticas; proporcionar acesso ao RU, acesso a moradia, na questão dos cursos os departamentos terem uma acolhida e um recebimento desse estudante apresentando e criando laços e aproximando desse ciclo que vai se iniciar.

Eu acho que isso pode ser feito de diversas formas. As primeiras semanas de aulas são sempre apresentações com nome, cidade, por que escolheu esse curso e tal... Mas eu acho que isso não basta, eu acho que esse acolhimento e essa hospitalidade ela é muito formal e não que isso seja negativo, não que necessite de algo mais informal mas ela acaba sendo “superficial”. Eu entendo que essa hospitalidade precisa ser iniciado, desde o momento que a pessoa efetivou a matrícula a Universidade precisa saber de tudo que ela precisa, ela precisa saber de todos os espaços que ela pode ocupar e estar e ela tem que saber também as pessoas que ela pode recorrer como chefe de departamento ela tem que saber o nome caso ela tenha algum problema com a grade, colegiado, enfim... saber sobre o CA do seu curso ela precisa ter todas as informações para ela saber onde procurar essas informações. Eu acho que essa seria uma estratégia para acolher melhor, porque a gente fica bem perdido até achar a praça, o restaurante, então, eu entendo que é uma recepção total tanto do curso, da praça, tanto da grad e da Universidade como um todo para que o estudante se sinta mais acolhido.

2- Você se sente acolhida na UFOP pelos seus colegas, seu departamento e seus professores?

passar e outras vão ficando, então, a gente não consegue ter o mesmo grupo em todas as disciplinas e isso atrapalha um pouco. O grupo que eu tinha para, por exemplo, fazer os trabalhos desmembrou, então, agora eu não tenho um grupo fixo para realizar os trabalhos das disciplinas e aí eu não me sinto muito acolhida e tem uma questão que eu também não sou natural de Minas, no meu curso tem muita gente da região, de Minas Gerais, e eu sou de São Paulo então me sinto um pouco deslocada às vezes.

3- Eu esqueci de te perguntar no início você é de qual período?

Teoricamente eu sou do quarto, mas na prática eu sou do terceiro.

4- Você entrou no 18.2 então?

Sim, com a primeira turma, no 18.2 ocorreram situações de machismo. Eu já ouvi alguns comentários dentro da sala de aula, isso é bizarro porque a minha turma da engenharia é composta por metade ou mais de mulheres, em outras engenharias da Ufop o número de mulheres é menor e mesmo com essa turma já escutei comentários machistas enquanto eu estava falando alguma coisa na aula. Do grupo de colegas se for olhar de 0 a 10 eu me sinto 4 acolhida pelo grupo de estudantes e aí sobre o departamento eu me sinto mais acolhida, pois em quase todas as demandas que procurei eu fui atendida e é bem tranquilo de conversar com professoras e professores, são bem acessíveis e isso é bem bacana.

5- E do seu prédio em si que acaba sendo a Escola de Minas você se sente acolhida?

Eu não me sinto acolhida lá mas passa pela questão do ambiente de como ele é projetado e de como ele é feito, porque lá a gente não tem um espaço para sentar e conversar... um pre-aula ali é todo mundo sentado no corredor quando está esperando a aula ou então nas mesinhas do café, mas se você não toma um café fica desconfortável ficar lá e ocupar o espaço lá e o hall de entrada é só um lugar de passagem, então, eu não me sinto acolhida porque sinto que é só um lugar para eu ir, assistir aula e sair. Não é um ambiente que me favorece ficar fora do horário de aula que é obrigatória.

6- Você conhece a PRACE? Já precisou de alguma ajuda dela? Explique o que você entende sobre a importância da PRACE em relação ao acolhimento aos alunos calouros e veteranos.

Eu conheço a PRACE sim. Eu fiz a matrícula no sábado e na segunda já estava na PRACE entregando a documentação e eu sei que é a Pró reitoria de assuntos estudantis e comunitários, mas eu conheço o órgão devido a necessidade de uso, depois eu entrei para o DCE e acabei conhecendo mais o funcionamento desse órgão, já precisei e já tive contato para algumas demandas e quase todas foram resolvidas. A questão dos auxílios eu sou

assistida, mas questões que coloquem em cheque preconceitos estruturais como o machismo e outros são questões que eu não vejo a PRACE dando uma continuidade ou uma avaliação ou trabalhando nisso no que eu já tive de experiência. Isso eu fico muito frustrada, porque a proposta dessa pro-reitoria não é apenas ser assistencialista na questão dos auxílios, não é nem esse termo, mas para gente conseguir ainda mais morando na moradia; para a gente estudar e se manter na Universidade a gente precisa de algo a mais, de algo que não é matéria e não é palpável. A gente precisa de segurança, ainda mais mulher, a gente precisa estar num espaço seguro e aí nesse momento eu estou numa experiência muito frustrada com a prace em relação a conflitos na moradia e não tenho me sentido muito acolhida ao discutir essas coisas. Mas eu espero que resolva sim. Tenho esperanças.

7- Você acha que de certa forma a Prace ajuda nesse processo de inserção do aluno que acaba de chegar e o veterano no sentido de mantê-lo durante a graduação, a questão sobre o acesso ao tratamento psicológico etc?

Se eu acho que é eficaz?

Mayara- Sim

A questão sobre o atendimento psicológico é muito escasso. A gente tem uma demanda muito grande e eu cheguei a precisar também e eu fui encaminhada para o centro de saúde, depois consegui ser encaminhada para fundação gorgeix, então, eu me desvinculei. Mas o que precisei eu consegui um apoio, mas eu sei que a demanda é muito grande e muitas pessoas não conseguem. E já ouvi relatos de psicólogos falarem o seguinte: você tem problemas, mas eu preciso atender pessoas com problemas piores que o seu. Eu já ouvi e já me contaram que uma das consultas com os psicólogos do centro de saúde falaram isso e aí eu fiquei assim... um pouco chocada, porque a gente sabe que a demanda sempre vai ser maior ainda mais agora que a gente vive no século da depressão que tem um número muito alto de pessoas, mas mesmo assim acho que não deveria ser uma das falas. Eu acho que a prace não consegue atender as demandas de apoio psicológico nem dos calouros nem dos veteranos. Tanto que a gente tem um número de suicídio alto, o qual muitas vezes não é nem dito e nem registrado pela própria prace.

Na questão pedagógica, aí eu já tive muitas experiências com a Prace! Enfim... eu já solicitei ajuda e já busquei apoio e foi muito positivo a minha experiência. Eu acho que a demanda para esse serviço é menor do que o atendimento psicológico. Eu não sei se estão suprindo essa demanda, mas foi muito positiva a experiência e eu quero fazer outras vezes. Eu estava muito mal academicamente. Não a ponto de perder a bolsa, mas o meu coeficiente estava muito baixo, eu não precisei de participar que eu acho que chama

c minhar para quem está com o coeficiente abaixo de 5, daí eles fazem um projeto para você se organizar e conseguir lidar com os estudos. Eu não fiz especificamente esse projeto porque meu coeficiente não chegou a ficar tão baixo assim eu pedi um apoio e fui muito bem recebida e acolhida, mas acho que a praxe não dá conta de atender, alguns nichos ela dá conta de atender as demandas, mas, especialmente, a saúde mental é ainda muito falho.

8- Fale o que você acha que a UFOP e o seu departamento poderiam fazer para que você se sinta acolhida.

Acho que de modo geral a UFOP.. a praxe especificamente podia dar encaminhamento as questões que levantei sobre machismo dentro da moradia, porque retornaram a questão para mim com reuniões, mas não resolveu e está fora do meu alcance dessas questões. Eu não consigo resolver sozinha.

Para que eu me sinto mais acolhida até porque no momento eu estou sentindo insegurança e medo de estar na moradia e isso influencia diretamente no meu desempenho acadêmico. Agora, está acontecendo o ple, mas quando retornar eu nem sei como vou estar, porque são questões bem delicadas. Eu acho que necessita um apoio maior da UFOP e aí eu deixo muito específico a praxe que é a que mais intervém na minha vida. A ufop como um todo poderia pensar para eu me sentir mais acolhida na questão cultural, porque eu penso mais a essas pessoas e para mim seria uma forma de ter mais opções de lazer

No meu departamento é algo bem específico né?

Mayara- Não precisa ser especificamente seu departamento. Pode ser seu prédio.

No meu prédio poderia ter uma outra disposição do espaço, por exemplo, aquele hall de entrada poderia ter alguns outros objetos, uns puff para gente sentar que seja ou umas tomadas... que seja mais alegre e mais agradável de estar lá. E aí a questão das pessoas eu acho que é uma aproximação mais do corpo estudantil do departamento eles são bem acessíveis mas eu sinto falta de um dialogo direto e constante. A gente sabe que tem os representantes do colegiado só que muitas vezes as informações não chegam e transitam. Tem uma questão também que meu curso é novo no Brasil e aí a insegurança bate toda hora e aí eu acho que o departamento poderia ter uma atitude de uma responsabilidade maior com os estudantes que estão arriscando sua vida, porque para gente é a formação da profissão e ter essa insegurança é muito por conta desse contato direto que seja e que coloque todas as nossas questões do curso na mesa tudo do que pode acarretar ou não. Isso me deixa a sensação de não ser acolhida ainda mais por ser de outra cidade, de outro estado. Não sei. Parece que é algo fechado para mim; eu ainda não consegui visualizar uma

proposta de continuar aqui em ouro preto. Eu quero muito seguir a reia da pesquisa. Eu quero muito fazer um mestrado, doutorado e eu vejo que ás vezes não acontece o acolhimento para estudantes que querem isso e o foco no mercado de trabalho, enfim, é algo que me chama atenção. Mas eu acho que é um problema com outros cursos dessa falta da proximidade do departamento com e os estudantes.

9- Você acha que na UFOP há políticas de acolhimento a população local? Cite exemplos.

Eu acho que existe, mas existe muito pouco. Eu tenho uma experiência que não foi uma experiência muito longa é uma experiência um pouco curta que é com que é com a Associação de catadores de materiais recicláveis da região. A gente fez uma disciplina que foi ecologia urbana e aí a gente acabou tendo contato com as pessoas de lá. Depois eu vi que aconteceu um evento na UFOP fechando uma parceria com as associações, a prefeitura e a própria ufop, mas eu vejo que não há concretização de ações para acolher essa população da cidade seja a população que trabalha nessas associações ou a população que trabalha distante do centro ou da bauxita. Eu acho que há uma fala que existe essa aproximação, mas na prática eu não acho que acontece.

A gente tem os grupos de congado aqui na cidade, tem os grupos tradicionais culturais; no início do ano teve uma festa tradicional da cultura daqui vinculada a igreja católica, mas eu não vejo muita valorização e muita aproximação dessas pessoas que constrói e que faz a cidade acontecer com a universidade. Parece até dois mundos diferentes e eu acho que a cultura republicana na ufop ela acaba sendo uma problemática enquanto a isso, porque a gente vê nitidamente dois grupos o grupo de estudantes republicanos e o grupo de estudantes que não são ou que são da cidade. Então eu acho que falta muito esse diálogo da universidade com a cidade e começando com projetos. Começa por valorizar as associações das cidades, os grupos tradicionais. Eu acho que falta muito... tanto que já ouvi das próprias pessoas da cidade falarem que não é positivo para ela os estudantes na cidade... que não agrega muito e isso é preocupante, mas eu acho que isso acontece porque a própria população não consegue acessar a universidade e isso é muito problemático. Quando a gente teve a pesquisa "de como você está?" Que é uma pesquisa recente da prograd para saber como a gente estava e o acesso a internet antes do ple a gente viu que 30% só das pessoas que estudam na universidade residem na mesma cidade que a do campus, então, isso é um percentual muito baixo você ter 70% do campus vir so para estudar e acabam indo embora depois essa relação da população com a universidade é muito rasa e muito pouca.